

“Só salvaremos vidas com isolamento social”

Infectologista Fernando Chagas fala sobre os desafios de ser médico nestes tempos de pandemia de coronavírus. [Página 5](#)

Foto: Ortilio Antônio

Entrevista



As lições da Rússia e o desafio de traduzir Dostoiévski

Um dos mais importantes tradutores de russo, Paulo Bezerra fala de suas convicções ideológicas e das distorções dos ideais marxistas. [Páginas 3 e 4](#)

Foto: Divulgação

Esportes



Atletas não podem descuidar da alimentação durante isolamento

Nutricionista Rebeca Queiroz defende estratégias alimentares para a melhoria e manutenção da saúde física e mental em tempos de pandemia. [Página 12](#)

Foto: reprodução

Almanaque



Capitão Rebelino e a vitória sobre os holandeses na PB

A passagem do líder da Insurreição de Pernambuco pela Paraíba deixou um saldo de mais de 70 mortos, soldados da Companhia das Índias Ocidentais. [Página 17](#)

Foto: Luis Cunha/divulgação



A história da Paraíba através das igrejas

Doze monumentos religiosos, erguidos no município de Santa Rita, na Grande João Pessoa, guardam registros preciosos da época dos engenhos no Estado. [Página 7](#)

Foto: Rodrigo Menezes/Divulgação



Ariano Suassuna não sai de moda Grupo carioca leva aos palcos 'Auto de João da Cruz', peça escrita há mais de 70 anos pelo autor paraibano. [Página 9](#)

Editorial

Novo mundo

Milhões de mensagens continuam sendo disparadas, a todo instante, nas redes sociais, orientando as pessoas a adotarem a mais diversas atitudes - umas corretas e outras mais, erradas -, no sentido de enfrentar, da melhor maneira possível, o isolamento social imposto pela pandemia de coronavírus.

Fazer exercícios físico-respiratórios (tai chi chuan, pilates, meditação, ioga etc.), faxinar, cozinhar, pintar, brincar, fazer poemas, assistir filmes, ouvir música, jogar cartas, fazer lives... enfim, uma série de atividades, muitas já conhecidas, outras improvisadas, vez que, nessas horas, a criatividade está motivada.

Profissionais liberais estão gravando aulas e enviando exercícios para seus alunos, tentando, no caso, por exemplo, das academias de ginástica e estúdios de pilates, mantê-los em forma, porém, acima de tudo, garantir a permanência deles, para que o baque financeiro não seja tão difícil de superar depois.

Uma ação, no entanto, se impõe sobre as demais. Pensar nos milhões de pessoas que não têm teto, e nos outros tantos que têm moradas tão degradadas que seria impróprio chamá-las de casa. Os pobres do Brasil e do mundo sofrem mais em situações de crise, e é deles que se deve cuidar, em primeiro lugar.

Portanto, o grande desafio que a pandemia do coronavírus lança à sociedade global, neste momento histórico, é de conseguir dar uma ampli-

tude sem igual à solidariedade entre as pessoas e as nações. A superação ou amenização dos conflitos de toda natureza, para uma união de forças contra a Covid-19.

As desavenças banais, como também os desentendimentos radicais, originados pela diversidade de pensamentos (ideologias, crenças religiosas etc.), precisam ser, de alguma maneira, contornados (o que não significa adesão, seja para um, seja para outro lado), para que esses conflitos não agravem o quadro social.

A palavra tolerância assume uma importância histórica fundamental, enquanto sinalizadora da conduta humana mais acertada, para o enfrentamento eficaz de uma situação de crise inédita que está matando, colocando em risco a vida de milhares de pessoas e ameaçando desestruturar a economia mundial.

É preciso pensar em si mesmo, na família, nos amigos, nos grupos sociais, notadamente aqueles mais fragilizados pelas desigualdades sociais que, infelizmente, imperam com violência no mundo, colocando, em praticamente todos os países do globo, milhões de pessoas abaixo da linha de pobreza.

O mundo será outro após a pandemia. Isso já é sabido. O que não se sabe é qual o modelo do mundo que teremos. Um mundo com sistemas públicos de saúde e de educação mais bem aparelhados, modernizados e democratizados, ou um simples decalque do velho mundo dos melhores bens para os poucos ricos.

Artigo **Martinho Moreira Franco**
martinhomoreira.franco@bol.com.br

Anjos da guarda de branco

Convalescendo, na casa de Cambinha, de longo internamento no Hospital Samaritano, Tarcísio Burity me puxou pelo braço:

“Deparei-me com entes vestidos de branco aos quais só faltavam halo e asas como adornos” //

- Doutor Martinho, você não imagina a importância de uma auxiliar de enfermagem! Aliás, de todo o pessoal de apoio de um hospital.

Eu já sabia disso. No próprio Samaritano, passara por duas cirurgias sucessivas uns dez anos antes. E, exatos dez anos depois, passei por três outras no Hospital da Unimed e mais uma no Sírrio-Libanês, todas igualmente sucessivas. Tornei-me doutor em centros de imagem, salas de cirurgia e de recuperação, soros, sondas, UTIs, semi UTIs, UTIs móveis, leitos, caminhadas em corredores, altas médicas, começar tudo de novo. Cheguei a dizer que vivia mais tempo em hospitais do que em casa. Mas estou aqui para contar a história. Claro que Deus, Nossa Senhora e Jesus Cristo me acompanharam (e ainda me acompanham) em toda parte. O que seria deste cristão, porém, não fosse, além da Providência Divina, o pessoal de apoio a que se referiu Burity?

Considerando os médicos “hors concours”, no topo da hierarquia, te rei de deixá-los em quarentena (sem trocadilho), até porque não resistiria à tentação de citar nomes, incorrendo, portanto, nas inevitáveis omissões, conforme praxe em circunstâncias assim. Ademais, seria a maior junta médica do mundo. A partir daí, por quais profissionais começar na escala, eis a questão. São motoristas de ambulância e UTI móvel, paramé-

dicos, socorristas, maqueiros, atendentes, enfermeiras, assistentes sociais, fisioterapeutas, fonoaudiólogas, nutricionistas, merendeiras, faxineiras... é uma infinidade de gente com disposição e à disposição para pronto atendimento (relacionei a maioria no feminino, mas os homens também são de boníssima vontade). Last but not least, as auxiliares de enfermagem. Ah, estas são inextinguíveis! Em meio a tantos seres de dotes celestiais, são verdadeiros anjos da guarda. Sem falar, com referência à Unimed João Pessoa, nas meninas do SAC, discípulas da insuperável Joseli Medeiros (cito porque toda regra tem exceção).

E por que me veio agora à lembrança todo esse pessoal de apoio da área médico-hospitalar? Ah, veio quarta-feira passada quando, depois de rodar por alguns minutos na fila do drive-thru da vacinação antigripe, no posto do Manáira Shopping, me deparei com entes vestidos de branco aos quais só faltavam halo e asas como adornos celestes. Eram elas, as auxiliares de enfermagem, associadas a enfermeiras. Foi a visão que tive: santas guerreiras prevenindo inimigos igualmente invisíveis como cepas do Novo Coronavírus, enfrentado nos dias de hoje, em todo o mundo, por agentes enviados para ajudar a livrar-nos deste mal, amém.

Finalizo com a pergunta que não quer calar: já não estaria na hora de se anunciarem medidas mais efetivas de apoio, proteção e, sobretudo, de melhor remuneração para todos os iluminados servidores da saúde?

CONTATOS: uniaogovpb@gmail.com REDAÇÃO: (83) 3218-6539/3218-6509

E HAJA PAINELA!



Domingos Sávio
savio_fel@hotmail.com **Humor**

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

ELEIÇÕES 2020: PANDEMIA PODERÁ SUSPENDER PLEITO

Há um debate que vem ganhando força nos meios políticos, neste momento em que o país vivencia a pandemia do Coronavírus: a suspensão das eleições de outubro. Em declaração recente, a presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), ministra Rosa Weber, ao ser questionada sobre o assunto, afirmou que ainda é precoce estabelecer a necessidade de suspender o pleito, dando a entender que a corte vai esperar



Foto: Divulgação

o resultados da quarentena hoje imposta ao país para tomar uma decisão sobre o caso. Ou seja: se ocorrer uma retração do número de casos e uma anuência das autoridades de saúde quanto à impossibilidade de o Coronavírus voltar a se propagar de forma acelerada, as eleições serão mantidas, conforme o calendário estabelecido pela Justiça Eleitoral. Caso contrário, o pleito seria transferido — essa é uma das teses defendidas — para 2022, quando ocorrem as eleições para a escolha de presidente, senadores e deputados federais. Uma eleição unificada, portanto. O ministro Luiz Roberto Barroso (foto), que assumirá a presidência do TSE em maio, declarou à imprensa que “Tenho confiança de que até outubro tudo esteja sob controle. Agora, se lá na frente ainda estivermos diante de uma pandemia, aí sim será o caso de se pensar em alternativas”.

CONVENÇÕES

Defensores da suspensão das eleições argumentam que não se trata apenas do momento da votação em outubro. Afirmam que se as restrições para a realização de eventos perdurarem até julho e agosto, as convenções partidárias — que oficializam a escolha de candidatos — ficariam inviabilizadas.

ÚNICA SOLUÇÃO

O governador João Azevêdo (Cidadania) tem consciência de que a pandemia do Coronavírus vai provocar uma queda nas receitas de estados e municípios: “O ICMS vai despencar, os impostos que incidem sobre o combustível, sobre a energia. É uma bola de neve, tudo isso vai ter um impacto muito grande”. Porém, ressalta que as medidas adotadas são a única solução para conter a pandemia.

“VAMOS SUPERAR”

“As pessoas sairão dessa crise com outro olhar [sobre a vida]. Mas nós vamos superar tudo isso”, afirma o governador João Azevêdo, ressaltado que o Governo do Estado está “buscando um conjunto de medidas para minimizar os efeitos dessa crise, enquanto perdurar esse período”. E destacou a importância do SUS: “Está segurando essa pandemia”.

MELHOR QUADRO

O ministro da Saúde, Henrique Mandetta, tem mostrado que é um dos melhores quadros do governo de Jair Bolsonaro. Apesar de o presidente defender o fim da quarentena, ele mantém sua posição de seguir as orientações científicas e técnicas da Organização Mundial de Saúde (OMS). A propósito, só não deixou a pasta ministerial, após o desastroso pronunciamento do presidente, que o contrapôs, por dever de ofício: ele é médico.

DECISÕES TÉCNICAS

A propósito do ministro Henrique Mandetta, ele reafirmou aos secretários estaduais de Saúde, durante uma videoconferência, da qual participou o da Paraíba, Geraldo Medeiros, que suas decisões serão extremamente técnicas, enquanto perdurar a pandemia do Coronavírus. Ou seja: pressões políticas ou pressões de segmentos econômicos não o farão recuar no tocante a adotar medidas duras de combate à doença.

VARA DE EXECUÇÃO PENAL MONITORA PRESOS DO GRUPO DE RISCO

Diante da situação gerada pela pandemia do Coronavírus, a Vara de Execução Penal de João Pessoa mantém suas atividades por meio do trabalho remoto, utilizando o Sistema Único de Execução Unificado. A unidade acompanha, de forma digital, as atividades desenvolvidas nas unidades prisionais da Capital, observando as medidas voltadas aos presos em condições de maior gravidade de contaminação, os chamados grupo de risco. Para auxiliar nesse trabalho, foi criado um grupo de WhatsApp, de contato direto a Secretaria de Administração Penitenciária e os diretores de presídios. O juiz titular da unidade judiciária é Carlos Neves da Franca Neto.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albige Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC
BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéia
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509
E-mail: circulaocao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

OUVIDORIA: 99143-6762
ASSINATURAS: Anual R\$200,00 / Semestral R\$100,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATOS: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceção para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

Paulo Bezerra,
Professor e filólogo

“Sem diálogo, não é possível a construção do conhecimento”

Paraibano Paulo Bezerra, um dos maiores tradutores da literatura russa, fala sobre educação, política e anuncia projetos

Fotos: Ortilo Antonio

Cecília Noronha
rammom511@hotmail.com

Nascido em 1940, no município paraibano de Pedra Lavrada, que fica a 228 km da capital João Pessoa, o filólogo e professor Paulo Bezerra é, atualmente, um dos mais importantes tradutores da língua russa direto para o português. Traduziu mais de 50 obras, entre as quais livros de Fiódor Dostoiévski e vários títulos de Mikhail Bakhtin, o filósofo do diálogo.

Paulo Bezerra saiu da Paraíba para morar em São Paulo, no afã de buscar profissionalização. Da megalópole brasileira, partiu para Moscou, na antiga União Soviética, onde morou durante a década de 1960 e início dos anos 70. O que seria apenas um curso de Ciências Políticas, pelo Partido Comunista Brasileiro, com duração prevista de seis meses, terminou em uma estadia de oito anos. No exterior, se graduou em filologia e se especializou em língua, literatura russa e tradução. Paralelamente, assistiu a palestras e seminários da Teoria da Tradução, no Instituto Maurice Thorez, com os mais importantes teóricos soviéticos da área.

Em sua peregrinação intelectual, chegou a ser professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), PUC-Rio, Universidade de São Paulo (USP) e Universidade Federal Fluminense (UFF). Nesta entrevista, realizada no início de março e concedida com exclusividade para o Jornal A União, Paulo fala de suas convicções ideológicas anos após a estadia em Moscou e das distorções dos ideais de sociedade igualitária marxista, impostas por regimes ditatoriais.

Durante 20 anos debruçado sobre seu mais longo projeto (‘Dostoiévski’, que foi incorporado ao projeto ‘Leste Europeu’, da Editora 34), Paulo Bezerra anuncia que acabou de concluí-lo, com a tradução do último livro, intitulado ‘Escritos da casa morta’. A previsão de lançamento é ainda para este primeiro semestre. Durante o bate-papo, o professor falou ainda da educação brasileira. Para ele, estamos vivendo uma “tragicomédia, com indivíduos cômicos e bufões”. Na sua opinião, é preciso não cair na “tentação nefasta” de dogmatizar, partidizar e ideologizar o ensino, pois “no navio do conhecimento, há cabines para todos os pontos de vista”.

A entrevista

Antes da entrevista, o senhor falou que veio a João Pessoa passar poucos dias e encontrar a família. Mas o senhor, que é considerado um dos maiores tradutores direto do russo para o português, não foi convidado para nenhum compromisso acadêmico na Paraíba, nessa curta estadia?

Não, nenhum compromisso acadêmico. Aliás, eu tive pouquíssimos compromissos acadêmicos aqui na Paraíba (durante a carreira). Raramente, me convidam para alguma coisa. Eu tenho muito mais compromisso em Natal, na UFRN, e fora do Rio. Acho que aqui só tive umas três vezes. Dei um curso para a pós-graduação e depois vim mais umas duas vezes, a última foi um encontro sobre tradução.

Mesmo radicado no Rio, o senhor ainda viaja para Rússia para realizar algum projeto?

Não tenho nenhum projeto (na Rússia), principalmente com Putin no poder absoluto. O projeto que tenho é o livro de Dostoiévski, ‘Escritos da casa morta’, que já está pronto e vai sair agora no primeiro semestre. Eu acabei de concluir o meu projeto

‘Dostoiévski’, depois de 20 anos consecutivos trabalhando. E o fechamento (do projeto) foi com ‘Escritos da casa morta’, conhecido no Brasil como ‘Recordações da casa dos mortos’, ou ‘Memória da casa dos mortos’. Eu tive a intenção de restaurar o título original, deturpado pelas traduções indiretas.

Todos os livros do projeto ‘Dostoiévski’ foram pela Editora 34?

Pela 34.

Tem mais algum livro previsto para sair pela 34, além desse seu projeto sobre Dostoiévski?

Só falta (com a editora) um último livro do Bakhtin.

E qual nome desse próximo livro de Mikhail Bakhtin?

‘O autor e a personagem na atividade estética’. O resto já traduzi tudo. Ah! sim! Falta um outro livro...mas duas tradutoras estão tra-

“Estamos vivendo uma tragicomédia, com indivíduos cômicos e bufões”

Antes de morar em Moscou, na Rússia, Paulo Bezerra morou na cidade de São Paulo, onde trabalhou em bar, padarias e em várias fábricas, época em que se engajou no movimento sindical

duzindo. Esse eu não me aventuro mais, pois é um livro com 700 páginas e eu já estou com 80 anos.

Por falar em Bakhtin, ele inspira, há um bom tempo, as diretrizes do MEC, a exemplo dos Parâmetros Curriculares Nacionais e da LDB. Mas, temos um governo federal, de extrema-direita, que afirma que no livro didático “tem muita coisa escrita”. Então, eu pergunto ao senhor, que é especialista em Bakhtin: qual o horizonte vislumbra-se para a nossa educação?

Na obra de Bakhtin, essa defesa do “outro”, é um diálogo contra a sociedade totalitária, que toma todas as suas decisões por unanimidade, porque o “outro” não existe. Se existe, está surdo e mudo, não se manifesta. Então, toda teoria de Bakhtin é profundamente democrática. Quanto ao nosso momento, eu não sou um perito em educação. É uma leitura [que faço], traduzindo Vigotski, que é um grande pensador da área de educação. Mas eu vejo o momento atual como um momento passageiro. Estamos vivendo uma tragicomédia, com indivíduos cômicos e bufões, tomando decisões trágicas. Você quer um indivíduo mais bufão do que esse nosso chamado ministro da educação? Isso é um desastre. Isso é de um reacionarismo de caverna. É como se a gente estivesse voltando à Idade Média. O sujeito acaba de assinar um contrato do MEC com uma universidade da Flórida, uma instituição dita universitária, da Flórida, que ninguém conhece, mas com a especialidade de ensinar Filosofia pela Bíblia. Tantas instituições universitárias importantes nos Estados Unidos

que poderiam fazer convênio conosco e ele vai buscar logo mais um pastor. Então, não existe saída para a educação a não ser o reconhecimento das peculiaridades regionais dos alunos. É aquela coisa que dizia Tolstói: fala de tua aldeia que estás falando do universo. Em um mundo cada vez mais tecnicizado, cada vez mais cientificizado, atacar a ciência é de uma aberração nunca vista. É não ter nenhum compromisso com o futuro nem com o presente. Nós precisamos estar atentos a todas as inovações que aparecem no dia a dia. Porque a evolução técnica e científica ganhou ritmos absolutamente incontroláveis. Essa evolução está tecnificando, excessivamente, os indivíduos. E nós temos que ter um contraponto a isso, que é fazermos os indivíduos humanos. Esse é o papel de ser das Ciências Humanas. E as Ciências Humanas estão no contraponto a isso, para impedir que os indivíduos sejam meras máquinas de calcular, de fazer dinheiro; mas que sejam indivíduos comprometidos com a vida, com o futuro, com a existência. Para isso, o papel das Ciências Humanas não é apenas fundamental, mas absolutamente imprescindível. Mas, é preciso não cairmos na tentação nefasta de dogmatizar, partidizar e ideologizar o ensino. Nós professores precisamos ser capazes de saber ouvir as novidades e desafios que os nossos alunos trazem no dia a dia e procurar dar uma contribuição dentro daquilo que nós entendemos. As sandálias de São Francisco cabem bem em todos os pés. Sábio é aquele que sabe aliar modéstia e conhecimento. Essa modéstia sumiu um pouco do nosso meio acadêmico. A gente ouve algumas cavalgada-

ras fazendo declarações, impondo ser sapiente, que na realidade não representam nada. Nós temos que entender que no navio do conhecimento há cabines para todos os pontos de vista. Não existe a última palavra no conhecimento, não existe a última palavra no saber. É por isso que defendo tanto o ideologismo bakhtiniano. Sem diálogo, não existe possibilidade de construção de conhecimento. A última palavra não existe.

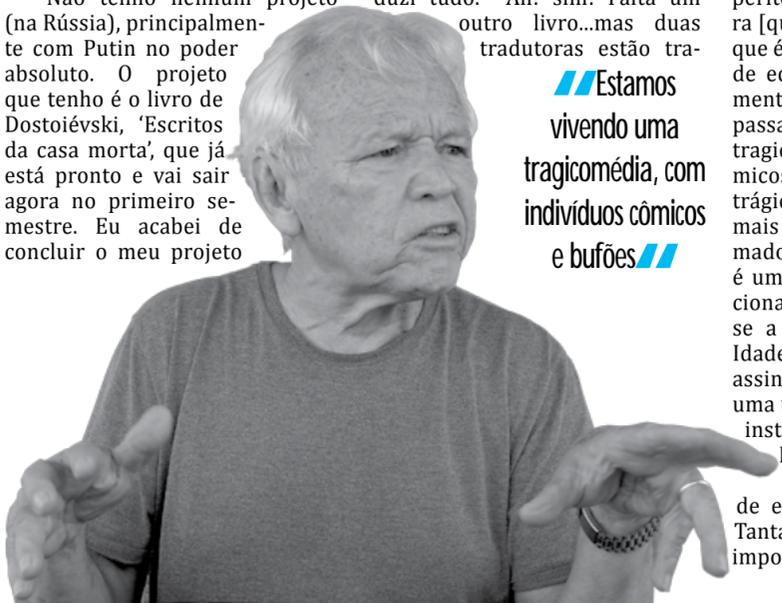
O último livro e os demais de Bakhtin, que o senhor falou, têm alguma ligação com o projeto ‘Leste Europeu’, da Editora 34, que é relativo aos livros de Dostoiévski?

Veja bem, a Editora 34 tinha o projeto ‘Leste Europeu’. Meu projeto ‘Dostoiévski’ é meu, não tem nada a ver com aquele projeto (da editora). Por acaso, um projeto (da editora) já existia e foi incorporado a outro projeto. O projeto ‘Dostoiévski’ é meu desde o início, é uma coisa que eu me preparei para fazer durante anos. É um projeto pessoal.

E essa mesma editora também lançou uma coleção de contos russos e até pensei que teria várias traduções suas...

Nesse (dos contos russos), em alguns pontos, tem algumas passagens minhas. Pegaram ‘Bobók’, botaram em um deles; pegaram o episódio dos ‘Irmãos Karamazov’, um relato, que é uma história dentro do romance, uma história intercalada, de contos intercalados dentro dos ‘Irmãos Karamazov’...

Continua na página 4



Continuação

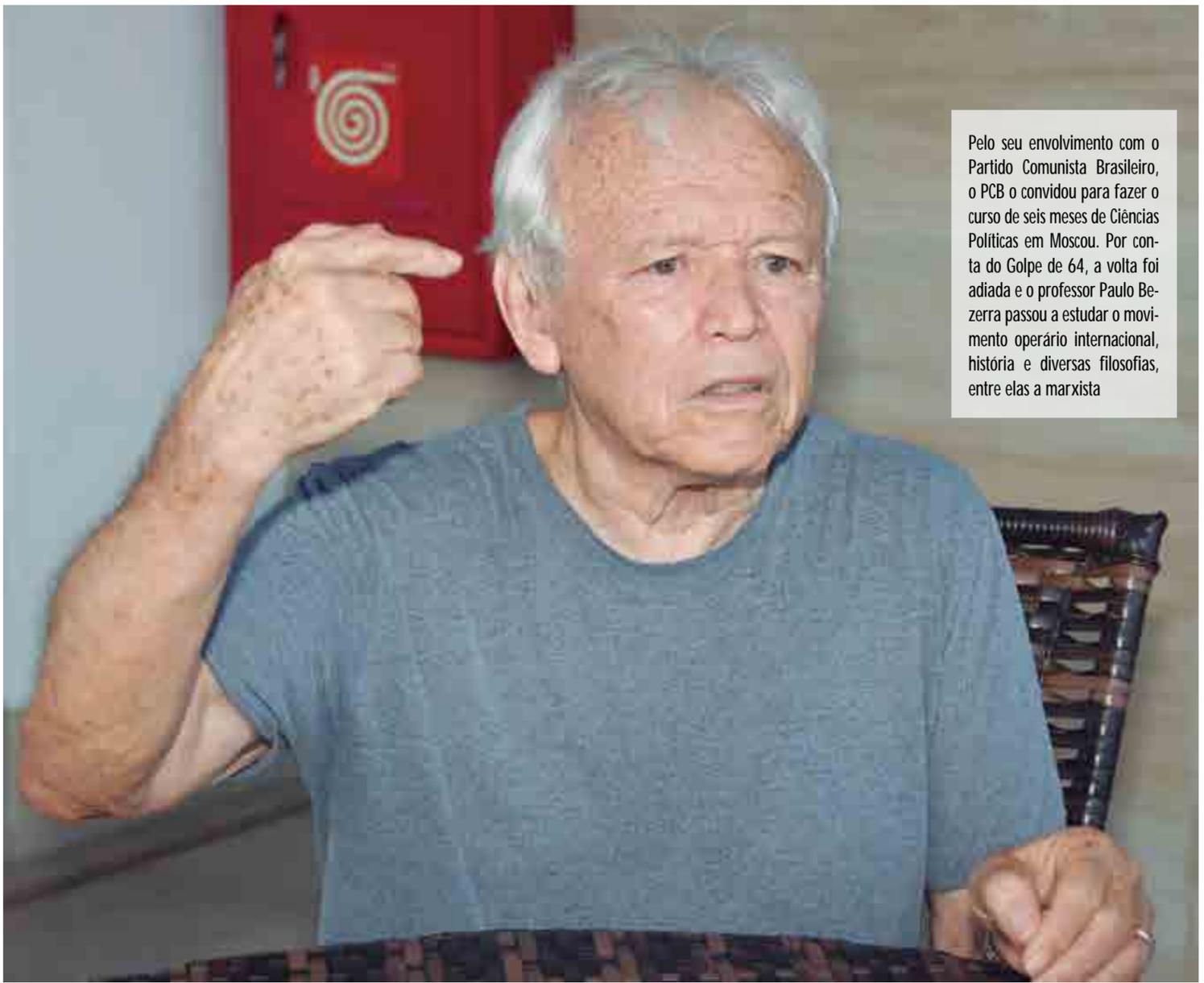


Durante a sua trajetória como tradutor, o senhor se dedicou a estudar e entender a obra de dois autores. Um deles foi Dostoiévski, no campo da literatura. O outro foi Bakhtin, na área científica, bem utilizado no campo da Linguística e Educação. Como de fato é trabalhar com essas duas vertentes tão diferentes?

Sim, Dostoiévski foi o meu projeto ficcional. Bakhtin é o meu projeto teórico-intelectual. Bakhtin é figura fundamental na minha formação teórica não só como professor, mas também como tradutor. Bakhtin é um universo teórico, difícil de se abarcar. Porque ele leu tudo. E o que ele escreve abrange toda a história da literatura. O grande desafio é você localizar onde o Bakhtin está, de quem Bakhtin está falando. E você tem que ter uma formação, uma leitura que se permita situar o universo, as pessoas, escritores e obras de que Bakhtin está falando. Isso é possível (com) uma leitura organizada, e tendo Bakhtin como um norte é possível, mas é muito difícil. E a minha grande preocupação com Bakhtin foi retraduzir Bakhtin no Brasil, porque ele era completamente deturpado pelas traduções indiretas. E não era deturpação só por erro de interpretação do original não. Era deturpação muito pior do que deturpação de conceitos. A fórmula mais breve de se destruir uma obra científica é deturpar os seus conceitos. Quer dizer... desarma o esqueleto teórico e o que era teoria vira metáfora. É uma grande diferença entre as duas coisas. Ou, como diria Mefistófeles (personagem satânico da Idade Média), "toda a teoria cinzenta revive na árvore da vida"... esse é o demônio que está falando [risos]. Os demônios são muito simpáticos e úteis [risos]... dependendo do demônio também. [risos].

O senhor voltou de Moscou para o Brasil em 1971 e se radicou no Rio de Janeiro. Depois, foi à Rússia, em 2013. Qual a sua impressão ao voltar para lá após tantas mudanças no cenário político e econômico daquele país?

É outro (país), bem diferente. Aquela solidariedade natural, soviética, desapareceu. Claro que muita gente defende que não se pense só em dinheiro. Mas, percebe-se que predomina é essa corrida atrás de dinheiro a qualquer custo. E, quando eu desembarquei em São Petersburgo, no clima de agitação, me senti voltando ao 'Crime e Castigo'. Você come-



Pelo seu envolvimento com o Partido Comunista Brasileiro, o PCB o convidou para fazer o curso de seis meses de Ciências Políticas em Moscou. Por conta do Golpe de 64, a volta foi adiada e o professor Paulo Bezerra passou a estudar o movimento operário internacional, história e diversas filosofias, entre elas a marxista

ça a se fazer aquela pergunta: como é que a história pode andar para trás? A sensação é essa. A história nunca anda para trás. Mas a sensação que dá é que as personagens do século 19 tinham voltado. Estava cheia de personagens abjetas de 'Crime e Castigo', daqueles burgueses que Dostoiévski mostrava. Dostoiévski tinha verdadeiro horror ao burguês. Quando ele mostrava, era a sua verdadeira face, detestável. E (Dostoiévski) não era menos crítico em relação aos companheiros de esquerda. Era um crítico, ele viu, percebeu para onde poderia caminhar um país com um socialismo daquele tipo que se apresentava no romance 'Os Demônios'. Então, foi um homem de uma visão... de uma capacidade de ver as coisas, em seu movimento... uma coisa extraordinária. O 'Escrito da casa morta' (por exemplo) traz coisas que parece que estamos no Brasil: a visão da prisão, o tratamento prisional, o tratamento dos prisioneiros, o desprezo pela vida. Nós vivemos em um momento do mais absoluto desprezo pela vida. A vida humana não vale mais nada. O infeliz que uma vez cair na prisão ele vira massa, uma massa de setecentos e tantos mil, como se não tivessem caras, como se não tivessem personalidade. É assim que o Dostoiévski mostra. Mas, com a diferença, que o Dostoiévski mergulha na personalidade de cada um. Essa é a diferença entre o gênio e o não-gênio. Porque, para uns seria fator de loucura, de enlouquecimento, como aconteceu com vários outros personagens que passaram por história semelhante a de Dostoiévski. Foi um grande laboratório (a prisão de Dostoiévski). Todas as grandes personagens do romance de

Dostoiévski estão ali. Todos os seus protótipos estão ali. Ou foram pessoas com as quais ele conviveu, ou foram pessoas de quem ele teve notícia por meio de outras pessoas que conviveram intimamente (com os personagens).

E com isso Dostoiévski entra nos conflitos internos de cada personagem, como acontece com o ser humano, dúbios e contraditórios. A impressão que dá é que não são personagens lineares e não são meras caricaturas. Essa sensação que o leitor tem faz sentido?

Justamente. É como dizia Bakhtin: o autor não inventa personagens; ele as pré-encontra na vida social; são personas da vida social. É assim que aconteceu com Dostoiévski. As personagens dele são personas da vida social. Tanto que o Bakhtin descobriu que há certas personagens de Dostoiévski que até resistem na hora da sua construção, da sua formulação. Digo, sem nenhum exagero, é difícil, mas é factível. Aqueles pobres diabos que aparecem nos romances de Dostoiévski foram pobres diabos na vida social. Só que, nos romances de Dostoiévski, eles alcançam uma dimensão que não tinham na vida social: eles viram personas, eles têm consciência da sua condição de humilhados e ofendidos. E todos eles se rebelam, de uma forma ou de outra, contra essa condição de humilhados e ofendidos. De personas, eles crescem como personagens romanescas. Essa para mim é uma das maiores revoluções na forma de construção da personagem romanesca. É fazer com que ela seja mais no romance do que foi na vida social. Aliás, uma frase de Bakhtin, que sempre citei para os

“No navio do conhecimento, há cabines para todos os pontos de vista”

meus alunos: "no romance, o homem ou é maior do que o seu destino, ou menor do que a sua humanidade". Ele não pode terminar o romance como começou.

Com relação às questões técnicas de tradução, professor, qual a sua opinião sobre a nota do tradutor? Ela é um recurso indispensável na tradução do romance? Não atrapalha o ritmo da leitura?

A nota do tradutor tem como função contextualizar expressões cujo sentido só pode ser alcançado pelo leitor por meio do conhecimento do contexto. Não é para ensinar o leitor a ler, mas para dar ao leitor uma ferramenta, para ele entender melhor o que está lendo. Esse é o primeiro sentido da nota de tradutor. Por exemplo, uma expressão usada por Dostoiévski que é "o progresso chega em botas inglesas". Como é que um leitor brasileiro, que não conhece o contexto, vai entender essa expressão? Então, tem que ter a nota do tradutor para entender que aristocracia russa, a certa altura de sua história, começou a importar costumes ingleses. As botas eram consideradas um símbolo do progresso. A nota de tradutor é uma questão de completar o sentido do texto que está lá.

E quanto ao plágio? Até que ponto a gente pode considerar que uma tradução é plágio de outra, já que ambas se baseiam em um mesmo texto original?

O plágio existe. Denise

Bottmann mostrou como isso existe. Agora, é preciso levar em conta as peculiaridades do discurso. Vamos considerar o literário. Literatura não opera com significados, mas com sentidos. Eu traduzo um parágrafo de Dostoiévski. Vem outro tradutor traduz igual à maneira como eu traduzi. Aí fica um problema, porque o tradutor é um sujeito criador. Será que, no segundo texto, o que plágio não encontrou nenhuma alternativa para o que estava no primeiro texto plagiado? Você pode traduzir um sentido de uma forma e eu de outra. Se as duas formas estiverem idênticas, sem nenhuma alteração, nós estamos falando de plágio. Mas, se houver coincidências e mais pequenas diferenças e soluções pessoais, diferentes de meu texto, eu não vejo necessariamente apenas como plágio. Temos que ser um pouco cuidadoso com relação ao plágio. Agir pelo velho e bom adágio: nem tanto ao mar nem tanto à terra. Para ser plágio, você tem que pegar [analisar] a obra do início ao fim.

Professor, para encerrar, gostaria de saber se o Paulo Bezerra, comunista dos anos 60; que foi a Moscou naquela época; que se debruçou sobre a construção dos personagens críticos e profundos de Dostoiévski; que mergulhou no dialogismo bakhtiniano; queria saber se ele ainda é o mesmo. Até porque há especialistas que dizem que o comunismo de fato nunca existiu, já que em sua essência seria auto sustentável, ou seja, jamais imposto por regimes totalitários.

O que eu li, a partir da Glasnost de Gorbachev, foi um verdadeiro horror. Foi a transformação da ideia do

comunismo em uma ideia de terror, regime de terror. Stalin matou 40 milhões de russos, 18 milhões só de comunistas. Então, aquela visão de comunismo, de princípio, ela não poderia perdurar. Porque, o que sobrou daquilo lá? A triste ditadura cubana, uma espécie de aristocracia da revolução, um irmão passando o poder ao outro, e isso foi um horror; nazifacista; e a ditadura da Coreia do Norte. Como é que isso pode continuar se dizendo comunista, diante de uma diferença tão, monstruosamente, frustrante? Não é possível. Embora, etimologicamente, a palavra comunista seja uma coisa muito boa, muito humana, que é o ideal da vida comum, da sociedade igualitária, isso foi um sonho que a própria realidade comunista e seu regime comunista destruíram. Virou o seu contrário. Então, o que se verifica hoje, o que restou? Eu sei que há comunista no Brasil, que apóia essa monstruosidade chamada Nicolau Maduro. Aquele homem (Maduro) é uma catástrofe humanitária que existe na América Latina. E esse sujeito é um revolucionário? Esse sujeito pode ser considerado um ideário comunista-socialista? Isso é uma aberração. E assim pensamos porque, realmente, não consegue enxergar um palmo diante do nariz. Então, hoje, resumindo a sua pergunta, o que sobrou do Paulo comunista? Sobrou um social democrata à la Escandinávia. Não é que não veja defeito na sociedade escandinava. Vejo. Mas vejo um povo feliz. A ideia central do Marx era a felicidade humana. O comunismo, como Marx concebeu, era para trazer a felicidade humana para a Terra. Como dizia o Marx, era para trazer de volta o direito de sorrir.



Foto: Luiz Cunha

“Vamos salvar vidas com informação e isolamento”

À frente da equipe que está lidando com o coronavírus, infectologista Fernando Chagas fala sobre desafios do atual momento

Foto: Ortilio Antonio

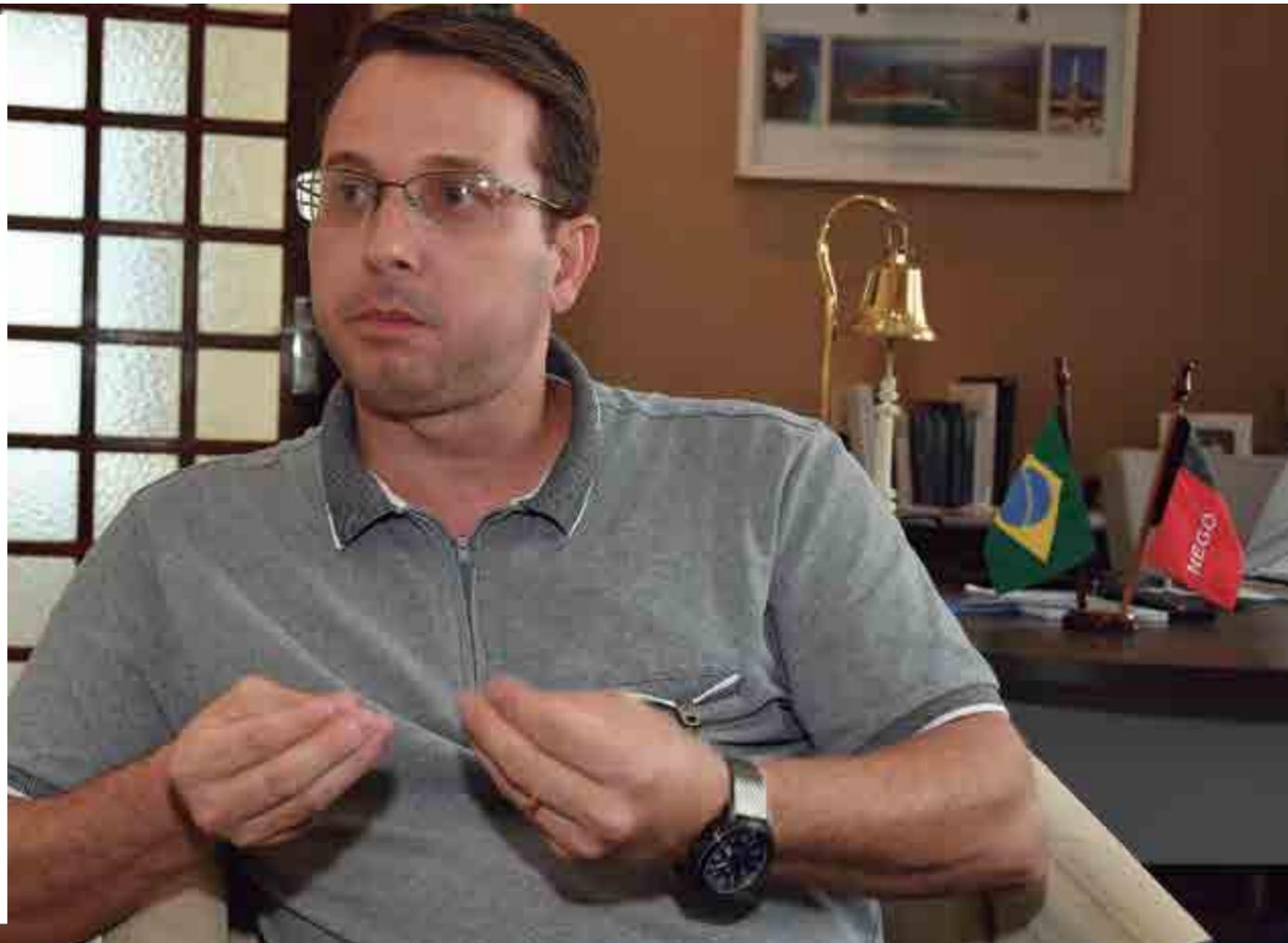
Rammom Monte
rammom511@hotmail.com

Em meio à pandemia da Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus, o recomendado é ficar em casa. Porém, alguns profissionais não usufruem deste privilégio. É o caso de quem trabalha com saúde.

Um dos principais nomes no combate à doença na Paraíba é o infectologista Fernando Chagas, do Hospital Clementino Fraga, unidade de referência para receber pacientes com suspeitas da doença no Estado. Ele explicou como vem lidando com esta carga de trabalho e quais são os cuidados que está tomando para poder enfrentar este vírus sem se contagiar.

“Eu não consigo desligar”, afirma o profissional, que não sabe ao certo quando poderá ver a mãe ou abraçar as filhas novamente.

No momento, Fernando aposta no SUS e na informação para vencer a pandemia que se instalou em todo o mundo. Confira a entrevista.



A entrevista

Como vocês estão encarando o trabalho?

A gente está encarando o trabalho de uma forma diferente; para a gente é algo novo, para todo médico é algo novo. Eu, como infectologista, já previa esta possibilidade desde quando começaram a surgir os primeiros casos. Então, eu meio que fui preparando a mente, mas alguns colegas, não. A maior parte deles duvidou que isto pudesse acontecer, a maior parte deles simplesmente está em estado de choque. O trabalho está sendo encarado como uma obrigação mesmo. Não acredito, e eu tenho percebido isto, que os colegas estão indo trabalhar como se fosse algo divino, uma obrigação divina, de salvar as pessoas. Claro, a gente tem isto no coração pelo juramento que a gente tem, e se eu não acreditasse nisto não faria sentido. A graça do cara ser médico é saber que está fazendo a diferença, é saber que tem vidas em jogo, mas pelo medo de levar doença e o cuidado que a gente tanto orienta a população temos até dobrado. Aí, você se pergunta até que ponto é medo ou é lógica. Às vezes, eu me pego com condutas que eu acho exageradas nos meus pacientes e eu sei que não precisaria de tanto, mas o medo leva a isto. Não é medo de adoecer em si. Eu não tenho medo de pegar a doença em mim porque eu

Como se comportam em casa diante dos riscos?

Eu estou sem ver minha mãe há 15 dias e, provavelmente, o próximo mês vou ficar sem, no outro também... eu não sei quando vou ver minha mãe. Tenho medo de ser um vetor da doença para ela. E ontem eu deixei minhas filhas com a mãe delas com a perspectiva de vê-las daqui, no mínimo, três, quatro semanas. E isto me deixou devastado. Em casa, a gente chega com medo de levar doença e o cuidado que a gente tanto orienta a população temos até dobrado. Aí, você se pergunta até que ponto é medo ou é lógica. Às vezes, eu me pego com condutas que eu acho exageradas nos meus pacientes e eu sei que não precisaria de tanto, mas o medo leva a isto. Não é medo de adoecer em si. Eu não tenho medo de pegar a doença em mim porque eu

sei que as consequências seriam muito leves. O meu medo é ficar 14 dias afastado. Um médico em casa 14 dias faz uma diferença muito grande para a população numa situação dessa. Quatorze dias sem a gente, é mesmo que tirar um atirador de elite no meio de uma guerra. O outro medo é minha família.

Quais os cuidados que vocês estão tomando quando chegam em casa?

Quando eu chego em casa, sapato fica do lado de fora, só pego seis horas depois e já pego para limpar. No hospital, só uso roupa do hospital, eu não uso as minhas roupas. Elas ficam separadas do ambiente hospitalar. Quando eu chego em casa, a minha roupa, mesmo não tendo usado, também lavo, já higienizo maçaneta de porta, tiro minha roupa toda para lavar e vou tomar um banho. Eu só estava abraçando minhas filhas e sentando na minha mesa depois de ter no mínimo tomado banho.

Como “desligar” após um dia inteiro só lidando com isto?

Eu não consigo desligar. Estou de frente, sou infectologista. O infectologista tem o papel diferente. Ele atende, examina, mas ele também coordena, ele é a cabeça pensante, porque isto aqui é a realidade da gente. É o infectologista que isola, que entende os riscos, onde eles estão, que tem que compreender o microrganismo, como ele se comporta, como o corpo responde a ele.

Ainda tem o papel de ser exemplo para os outros médicos. O mais incrível é isto, as pessoas olham isto. Um colega estava observando como eu lavava minhas mãos, porque ele disse que queria fazer igual porque eu sou infectologista e eu sabia fazer aquilo e ele não tinha este hábito. En-

tão, é uma carga muito grande. Mas é isto, eu não consigo me desligar. Grande parte dos colegas se desconecta desligando celular, vendo um filme, escutando uma música, embora, neste momento, eu não acredito que muitos estão conseguindo fazer isto.

“Sou um eterno defensor do SUS, todo infectologista é do SUS, dificilmente você vai ver um infectologista só do privado. A população do infectologista é o pobre, a doença negligenciada”

Como estão vendo as demonstrações de carinho por parte da população? E a defesa pelo SUS?

Tenho muito cuidado com as demonstrações de carinho. Você fica com o coração derretido, emociona. Esta semana eu recebi um lanche de presente, o pessoal mandando lanche. O problema é que muitas vezes esquecem que o corpo de saúde não é composto só do médico, ele é um dos componentes.

Temos profissionais que muitas vezes são tão expostos quanto e não são reconhecidos. Tem o maqueiro, recepcionista... uma das partes mais importantes dentro do hospital é o pessoal da higienização. Se eles não trabalham, todos os médicos vão se contaminar. Então eles também precisam de palmadas, incentivo. Ganham pouco, são cobrados muito e muitas vezes esquecem de paramentá-los para que eles não levem a doença para casa.

Tem os profissionais da área da alimentação, nutricionistas, cozinha do hospital, os farmacêuticos, técnicos de farmácia, laboratório, bioquímicos, biomédicos, o pessoal da imagem, do raio x, o técnico, o profissional que revela, que vai levar exame, que vai levar papel, o burocrata. É uma rede muito grande. Eu realmente fico feliz, claro, ao mesmo tempo fico me perguntando: e os outros? Tudo bem se demonstrar carinho, mas quando isto tudo passa, a saú-

de volta a sofrer novamente e muita gente esquece.

O SUS é o Sistema Único de Saúde universal que abraça todo mundo. A gente tem que defender mesmo, com unhas e dentes, para o acesso continuar universal. Tenho gostado muito da ação do ministro Henrique Mandetta, um trabalho sério, apolítico, que não está envolvido com nada de a ou b. Tem feito um trabalho técnico, voltado ao que a realidade está pedindo que seja feito. Muitos secretários estaduais na mesma linha.

Sou um eterno defensor do SUS, todo infectologista é do SUS, dificilmente você vai ver um infectologista só do privado. A nossa formação e a população do infectologista é o pobre, a doença negligenciada, a doença que eu trato, que a classe média alta esquece que existe. A gente está dentro do SUS, é nosso. Quem está segurando as pontas é o SUS. Quem está botando isto nas costas e carregando com força é o Sistema Único de Saúde

E por fim, apesar de toda dificuldade, dá para dizer que é gratificante poder servir num momento como este?

Para mim tem sido gratificante ver minha especialidade sendo reconhecida, o papel dela, a importância dela. Eu me lembro que quando os alunos passavam comigo nas visitas nas enfermarias, eu perguntava quem queria fazer infectologia, ninguém levantava a mão. Inclusive, ainda hoje é a especialidade que sobra vaga. Enquanto as outras são 20, 30 por vaga para entrar na residência, a infectologia sobra vaga. E a gente ensinava tanto a lavar as mãos! Do ano passado para cá, dei uns dez cursos de lavagem de mão, de limpe-

za, de risco de infecção e entra num ouvido e sai pelo outro. O pessoal nem sequer envia parecer para o infectologista, só lembra quando o paciente já está muito grave e não tem o que fazer, então deve ser infecção. E quando a gente chega, quem resolve é a gente.

De repente, de uma hora para outra, o médico que não vai fazer infectologia porque é a especialidade que menos ganha, que só trata da doença negligenciada, está me pedindo para ensinar a lavar as mãos. Nunca pensei em ver isto. Perguntam para mim como coloca máscara. Nunca pensei que ele fosse querer isto, porque antes eu dizia e parecia que não tinha significado, importância nenhuma. Para mim, a grande satisfação é ver minha especialidade agora sendo reconhecida como uma especialidade importante porque salva vidas.

Estas informações, que as pessoas consideravam uma bobagem, salvam vidas. E vão salvar muitas com a graça de Deus. A gente vai conseguir evitar um colapso aqui neste país apenas na base da informação,

“Deixei minhas filhas com a mãe delas com a perspectiva de vê-las daqui no mínimo 3, 4 semanas. E isso me deixou devastado. A gente fica com medo de levar a doença”

na base do isolamento. Rezo para que não exploda o número de casos e a gente não entre neste martírio que a Itália está sofrendo. Não imagino a gente numa situação daquela, é muito sofrimento, o povo da gente já sofre muito. Sou tão a favor do isolamento social!

O impacto financeiro, social, é muito grande, o desemprego, mas eu acho que a gente recupera depois, o país tem capacidade para isto.

O brasileiro corre atrás e resolve, o que não dá é a gente ver 50 pessoas precisando de um respirador e não ter uma vaga na UTI.

Funcionários dos hospitais precisam redobrar cuidados

Assim como os profissionais de saúde, recepcionistas, seguranças e outros trabalhadores também estão vulneráveis à contaminação

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

Foto: Divulgação

Os profissionais de saúde têm ficado na linha de frente no combate ao Covid-19. Atendendo aos casos suspeitos e confirmados, eles precisam tomar medidas de segurança redobradas para se proteger do vírus. Mas e os outros profissionais que permanecem nos hospitais, como recepcionistas e seguranças, estão recebendo as orientações corretas de prevenção? Especialistas alertam para os cuidados necessários nesses casos.

A médica e professora de infectologia do Centro Universitário de João Pessoa, Marcela Santos, explicou que os hospitais devem tomar medidas de prevenção colocando o máximo de funcionários possíveis para trabalhar em casa e tomando medidas que evitem a aglomeração de pessoas. "O ideal é que o hospital reduza ao máximo o número de pessoas circulando, diminuindo ou proibindo as visitas aos hospitalares, liberando funcionários que estejam com sintomas gripais, permitindo trabalho remoto quando possível, principalmente nas áreas administrativas. Os profissionais que podem entrar em contato com o paciente, como os recepcionistas, devem usar luvas de procedimento e máscara cirúrgica, além de higienizar frequentemente as mãos", explicou.

Os pedidos frequentes para que as pessoas permaneçam em casa e os cuidados de higiene são realizados devido ao alto índice de transmissão do vírus. O médico infectologista, Tiago Monteiro Gomes, explicou que o coronavírus é passado de pessoa para pessoa através de gotículas, que também podem ficar em contato com superfícies e objetos, sobrevivendo por dias. "E também e por meio de aerossóis, neste caso quando profissionais de saúde se expõem durante procedimentos de assistência ao paciente, como em uma intubação, sem estarem portando os Equipamentos de Proteção Individual - EPI", explicou o médico.

Devido ao alto perigo de contaminação, é necessário que os profissionais da área de saúde tenham uma proteção diferenciada. A professora de infectologia explicou que o cuidado precisa ser redobrado em algumas ocasiões específicas. "Os que atenderão casos suspeitos ou sintomáticos respiratórios devem usar máscara cirúrgica, óculos de proteção, capote impermeável, luva estéril e gorro. Já os profissionais que entrarão em contato direto com secreções respiratórias, fisioterapeutas respiratórias, enfermagem durante aspiração, médicos durante intubação, entre outros, devem usar a máscara N95".



O infectologista Tiago Monteiro Gomes enfatiza a necessidade de cuidados especiais e uso adequado dos Equipamentos de Proteção Individual durante os procedimentos de assistência ao paciente

+ Gestores de diferentes instituições de saúde reforçam as ações

A coordenadora do Núcleo de Atenção Hospitalar da Secretaria de Estado da Saúde da Paraíba (SES-PB), Vanessa Oliveira, explicou que para os profissionais em ambientes não críticos, como os que trabalham em recepções, farmácias e de salas de medicação é necessário o uso apenas de máscara cirúrgica e luvas de procedimento. "As máscaras N-95 devem ser utilizadas apenas nos ambientes críticos, como salas vermelhas, UTIs, centros cirúrgicos, isolamentos e nada mais", alertou.

Além disso, a profissional listou alguns cuidados básicos que devem ser tomados com os pacientes que chegam com suspeita de coronavírus nas unidades de saúde. "É preciso identificar e isolar precocemente pacientes suspeitos, que devem usar máscaras cirúrgica. Qualquer pessoa que entrar no quarto de isolamento, ou entrar em contato com o caso suspeito, deve utilizar EPI. Nos casos em que forem necessários acompanhantes, orientar quanto à importância da higienização das mãos. A provisão de todos os insumos como sabão

líquido, álcool gel, EPI devem ser reforçados pela instituição, bem como higienizantes para o ambiente".

Os profissionais de saúde realizam uma higienização diferenciada, em momentos essenciais e necessários. "Em qualquer contato com os pacientes, antes e depois de vê-los. Ao se mover de um sítio anatômico contaminado para outro, durante o atendimento do mesmo paciente. Após o risco de exposição a fluidos corporais ou excreções. Após tocar superfícies próximas ao paciente", explicou a coordenadora do núcleo.

Até a última atualização da SES, realizada às 7h da manhã de ontem, haviam dois casos confirmados para coronavírus na Paraíba. Dos 227 em investigação, 20 estão internados em hospitais públicos e privados. Alguns hospitais particulares que estão recebendo casos se manifestaram sobre os cuidados que estão tomando com os seus profissionais.

A direção do hospital informou que tem uma estrutura preparada para atender a todos

os pacientes, sejam eles com Covid-19, com suspeita de Covid-19 ou os pacientes que necessitam de qualquer outro tipo de atendimento. "Temos um compromisso com o Ministério da Saúde e estamos obedecendo todos os protocolos desenhando um fluxo que possa isolar o paciente com Covid-19 dos demais pacientes. Desenhamos um fluxo da urgência para separar a entrada, a triagem, o diagnóstico e a medicação dos pacientes com suspeita. Evitando assim o contato desses pacientes com os demais pacientes que precisam de auxílio".

Além disso, o hospital informou que está garantindo o exemplo a população através das atitudes dos profissionais. "Estamos mantendo uma distância segura, garantindo a higienização das mãos, evitando contato físico e aglomerações. Temos feito isso nas nossas unidades, colocando em home office todos os funcionários administrativos que podem fazer suas funções em casa e mais do que isso garantindo a segurança do nosso time".

A assessoria de comunicação da Unimed João Pessoa informou que está seguindo todas as determinações e protocolos da Organização Mundial da Saúde (OMS), do Ministério da Saúde e da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS) frente à pandemia do novo coronavírus (Covid-10). Além de estar em contato permanente com as secretarias Estadual e Municipal da Saúde para adotar novas providências que sejam necessárias.

"A Gestão de Serviços Hospitalares adotou um plano de contingência no Hospital Alberto Urquiza Wanderley para garantir a segurança dos pacientes, colaboradores, cooperados e visitantes. O plano inclui uma série de ações para manter o fluxo de atendimento organizado e eficiente na triagem, diagnóstico e tratamento. Toda a equipe multiprofissional foi orientada sobre como agir. O Alberto Urquiza conta com áreas isoladas para o atendimento a possíveis casos do coronavírus e, se houver necessidade, elas serão ampliadas", diz nota.



Da esquerda para a direita, a capela de São Sebastião - primeira capela da Paraíba, construída em 1587 -, a Igreja do Gargaú e a capela de Nossa Senhora do Patrocínio; conjunto arquitetônico era destaque nos períodos Colonial e Imperial

Circuito das igrejas de Santa Rita reconta a história da PB

Doze monumentos integram o patrimônio religioso do município que completou, este mês, 130 anos de emancipação

Beatriz de Alcântara
Especial para A União

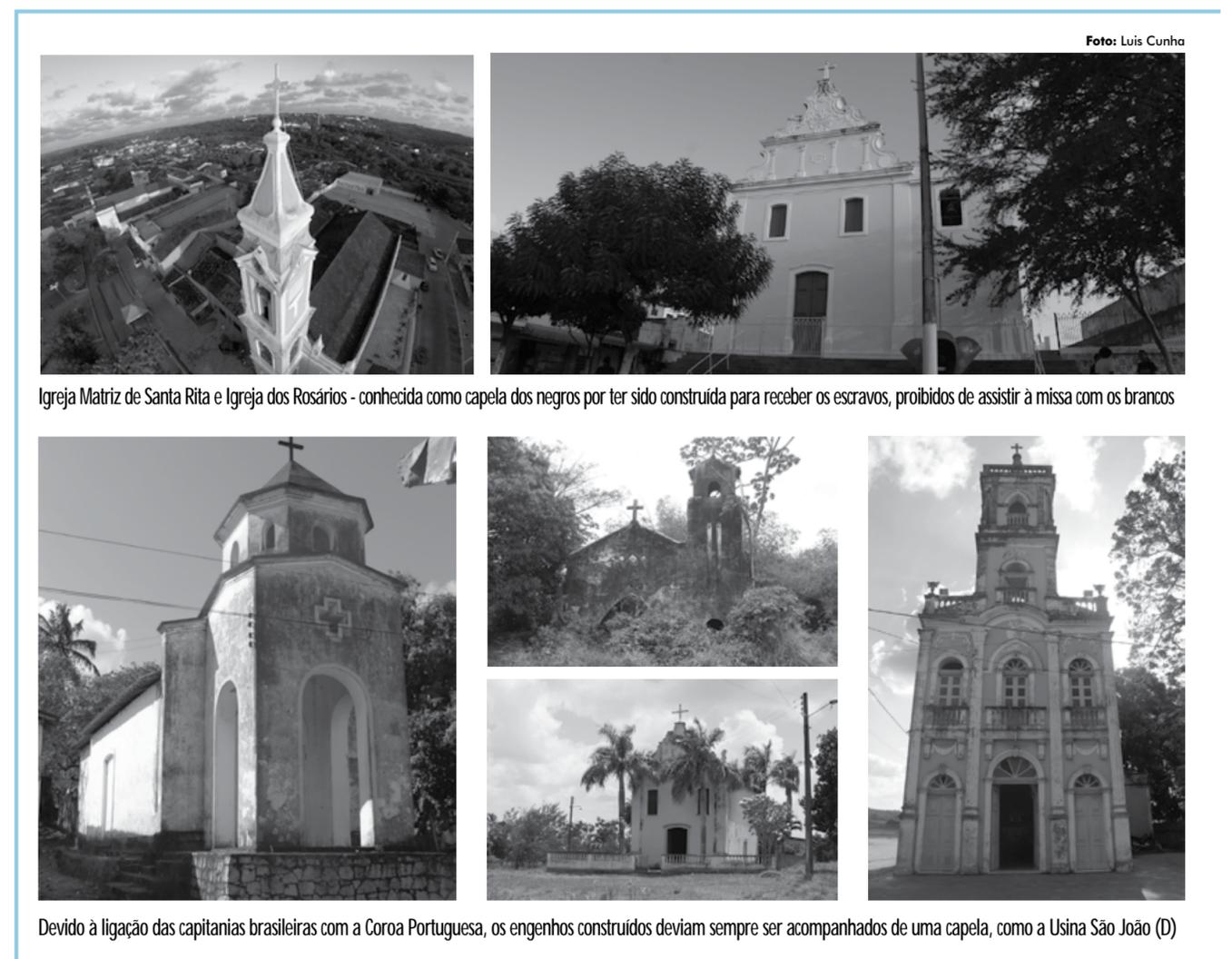
A cidade de Santa Rita está localizada há 11,5km da Capital paraibana e integra a Região Metropolitana de João Pessoa. O município possui uma história que teve início a partir da ocupação do Estado com a construção do primeiro engenho da Paraíba, em 1586 por Martim Leitão, nas terras que hoje formam Santa Rita. O patrimônio religioso da cidade é um ponto marcante e atualmente a cidade possui 12 igrejas - 10 pertencem a engenhos e duas estão em ruínas, mas em 1937 chegou a registrar 26 capelas. No último dia 9, Santa Rita comemorou 130 anos de emancipação política.

O historiador Siéllysson Francisco da Silva se dedica a estudar o patrimônio histórico e religioso de Santa Rita, assim como as relações sociais e políticas existentes nas irmandades locais. Ele conta que boa parte da cidade se trata, atualmente, de ruínas. "As ruínas do Engenho que, ficou conhecido por Engenho Tibiri ou Engenho D'el-rei, ainda sobrevivem em propriedade particular, como boa parte do patrimônio dessa cidade", explica Francisco.

Santa Rita foi o segundo núcleo de povoamento do Estado da Paraíba, em um período que as construções eram voltadas para o plantio de cana-de-açúcar. Devido à ligação das capitanias brasileiras com a Coroa Portuguesa, os engenhos construídos deviam sempre ser acompanhados de uma capela. "No início da colonização o povoado, que já foi chamado de Distrito Real e Cumbe até chegar a ser conhecido durante o século XVIII por Santa Rita, foi terra de engenhos, tendo mais de 25 engenhos funcionando durante o ano de 1890 quando se tornou Vila, separada da Capital", conta o historiador Siéllysson Francisco.

A primeira capela da Paraíba foi construída em 1587, no município que hoje é Santa Rita. A Capela de São Sebastião surgiu no terreno do primeiro engenho local, que também teve um forte construído com o nome do mesmo santo. De acordo com Siéllysson, Santa Rita tem o maior conjunto arquitetônico do período Colonial e Imperial.

Entre as ruínas do que seriam os engenhos, igrejas como a Capela de Nossa Senhora da Batalha e a Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro resistem e merecem destaque, como afirma Francisco. "Elas foram erguidas após vitória contra os holandeses, meados do século XVII", destacou ele. "Outra, de grande beleza e já tombada pelo IPHAN,



Igreja Matriz de Santa Rita e Igreja dos Rosários - conhecida como capela dos negros por ter sido construída para receber os escravos, proibidos de assistir à missa com os brancos

Devido à ligação das capitanias brasileiras com a Coroa Portuguesa, os engenhos construídos deviam sempre ser acompanhados de uma capela, como a Usina São João (D)

é a Capela de Nossa Senhora do Patrocínio, uma singularidade do barroco, tendo sido influenciada arquitetonicamente por uma capela portuguesa", completou o historiador.

A Igreja Católica também foi muito marcada pela segregação racial durante o período Colonial, principalmente. "A Freguesia de Santa Rita não permitia que negros não pudessem assistir a missa juntamente com os brancos em sua igreja, que é hoje o santuário de Santa Rita de Cassia, no Centro", destaca Francisco. "Por isso, os escravizados foram obrigados a construir a Igreja do rio,

mas em 1936 ela foi destruída e reconstruída na Capital.

Além dos negros escravizados e a população branca, ainda havia os afro-brasileiros e africanos livres, chamados de pardos. "Estes não queriam assistir a missa com os homens e mulheres escravizados e resolveram criar a sua própria igreja, Nossa Senhora da Conceição, que está até os dias atuais no Centro da cidade de Santa Rita", compartilha Siéllysson Francisco. "As irmandades reproduziam as segregações sócio-étnicas que existiam no século XIX, mas também foram responsáveis por espaços de sociabilidade e de visibilidade social aos indivíduos de camadas menos abastadas", completa ele.

Outras igrejas que existiram e ainda resistem em Santa Rita são: Paróquia Santuário Santa Rita de Cassia, a Igreja Matriz; Capela de Nossa Senhora da Ajuda; de Mucuta; de São João; de Nossa Senhora do Socorro; Igreja do Gargaú; Capela de Santa Rita e de São Gabriel.

"Boa parte desse patrimônio está na zona rural do município, o que dificulta o acesso e facilita os roubos e saques,

como foi o caso da Capela de Santana do Gargaú. Ela foi edificada, possivelmente, em cima da primeira construção do Engenho São Marcos, que fora propriedade de Ambrósio Fernandes Brandão, autor do clássico Diálogo das Grandezas do Brasil, 1618", afirma o historiador Siéllysson Francisco.

Além das capelas e das ruínas dos engenhos de cana-de-açúcar, a cidade de Santa Rita possui "a edificação da primeira fábrica de cimento Portland da América Latina e o Mirante Atalaia, que é parte da fortaleza de 1584 do Forte São Felipe e São Tiago", conclui ele.

Além dos negros escravizados e a população branca, ainda havia os afro-brasileiros e africanos livres, chamados de pardos, que também chegaram a contruir seu próprio templo sagrado



Do total das 12 igrejas, duas estão em ruínas mas seguem rememorando a identidade marcada pelo período da cana-de-açúcar

Isolamento social revela as vantagens do home office

Em tempos cada vez mais tecnológicos, empresas correm para se adaptar ao novo modelo mundial de convivência

Márcia Dementshuk
Especial para A União



“O mercado explodiu, semana passada. De repente, o confinamento começou, os alunos deixaram de ir pra escola, tem um calendário para ser cumprido e as instituições correram para a solução online”, falou Gilberto Farias, fundador de uma empresa de soluções para Educação a Distância. Na semana passada trafegaram pelo Brasil 11 terabytes por segundo (fonte: IX.br); a média anterior era em torno de 7,5 Tb/s. Quando a motivação é preservar a vida, as recomendações para o combate ao novo coronavírus são seguidas à risca pela maioria da população brasileira. O novo estilo de vida pegou a todos de surpresa. Quem estava preparado para atender à nova demanda que se abriu colhe rendimentos nas oportunidades.

Cloud, conectividade, atendimento, serviço - a transformação digital chacoalha quem mantém na gaveta projetos que trariam inova-



Fotos: Divulgação

Cloud, conectividade, atendimento, serviço - a transformação digital chacoalha quem mantém na gaveta projetos que trariam inovação para empresas

ção tecnológica para a empresa. A resistência a mudanças é óbvia. Carlos Eduardo Novinho, CEO da Avati Aceleradora, diz que “em cinco anos trabalhando com diversas startups e empresas tradicionais que fizeram modelagem de negócio conosco, vejo

que todas são resistentes a curar as principais dores dos clientes do seu segmento. As empresas reconhecem, mas fogem por acreditarem ser difícil de saná-las”.

De fato, implementar um processo de inovação não se faz de uma hora pra outra.

A iminência do contágio letal foi muito mais veloz e só quem correu nessa velocidade foram os motoqueiros entregadores. É diferente quando a cultura da empresa nasce em ambiente digital.

Giovanni Farias se conectava em serviços virtuais desde

antes do surgimento da internet comercial (isso foi em 1995). Estudante na UFPB em Campina Grande, hoje UFCG, no curso de Engenharia Eletrônica, ele navegava pelos BBS, os Bulletins Board Systems, ambientes online formados por pessoas em qualquer lugar do mundo

e acessíveis de qualquer lugar do mundo pelo computador. Conectava-se através de um modem adaptado ao computador ligado ao telefone “com fio” e um custo de ligação altíssimo - o pulso ainda pulsa.

Quando o primeiro provedor abriu em Campina Grande, Giovanni Farias começou estruturar sua empresa de cursos a distância pela rede de computadores - que ainda não era tão global. “Eu trabalhava em outras atividades, pois ainda não tinha demanda pela internet. Mesmo assim, sempre apostei no digital”, disse Giovanni.

Em 2007, a G. Farias estava incubada no Parque Tecnológico da Paraíba, com funcionários trabalhando de vários lugares do país, quando Giovanni se deu conta de que a estrutura física não era mais necessária. “Eu mesmo viajava muito e trabalhava de onde estava. Fizemos uma experiência trabalhando “home office” e vimos que funcionava muito melhor”. Naquela época, quando ia fechar um negócio, omitia informar como era a operação da empresa: “essa estrutura não era bem vista pelos empresários”.

Serviço online tem aumento em 354%

Hoje a empresa de Giovanni Farias oferece um conjunto de soluções para instituições que querem entrar no sistema de Ensino a Distância. Com base no tráfego de dados da

empresa, a demanda aumentou 345% em menos de uma semana. Não só os novos, mas também os clientes antigos ampliaram os serviços. Depois da ameaça pelo novo coronavírus,

um de meus clientes antigos que tinha 3 mil estudantes a distância agora está com 10 mil - todos os matriculados estão acompanhando as aulas pela internet.

Segundo o empresário, uma das rupturas em direção à cultura de executar tarefas online no setor corporativo veio com a crise em 2008. “Muitos dos que tinham resistência à Educação a Distância, às videoconferências, ao trabalho remoto, cederam, pois tinham que cortar despesas e essa tecnologia resulta em economia.” Giovanni observa que nesse momento em que vivemos, a transformação digital - por bem ou por mal - tem ser feita.



Tendência: tarefas online no setor corporativo e muita produtividade

Dados em nuvem são a solução

Carlos Eduardo Novinho, da Avati Aceleradora, alerta: “Você não pode parar. Você tem que inovar. Você não pode fugir da principal dor do seu cliente.” Em tempos de trabalho remoto, a inovação se dá nas nuvens [de dados]! Uma das soluções mais básicas para a empresa é deixar acessíveis pela internet os processos, documentos, projetos, serviços, conteúdos da empresa, tudo o que é necessário para o desenvolvimento do trabalho. E a nuvem, a “cloud”, como é conhecida, é uma das melhores alternativas.

“Há outros meios, como a empresa ter um equipamento dentro de sua unidade e executar esse serviço, mas os data centers (centro de dados), que dispõe de espaço para o armazenamento de grande quantidade de da-

dos, são os mais indicados. Inclusive para pequenas e médias empresas que têm menos fôlego para investir em tecnologia”, explica Flávia Tabosa, gerente de Marketing da Hostdime, que fornece esse serviço.

De acordo com Flávia Tabosa, o serviço é oferecido por grandes empresas globais, mas a contratação

de um serviço estabelecido no Brasil garante um custo inferior: “Primeiro, a empresa no exterior cobra em dólar e a variação para cima da moeda é um problema. Mas o que passa despercebido é que contratar esse serviço fora do Brasil é uma importância e incide um imposto de 45%, o que inviabiliza o processo para o empreendedor”.



Data centers também são a opção ideal para pequenas e médias empresas

Transformação digital na prática: case da Faculdade Pernambucana de Saúde

Assim como na grande parte do território brasileiro, a Faculdade Pernambucana de Saúde - FPS, a comunidade acadêmica discentes, docentes e técnico-administrativos - estão 100% home office.

Marcene Barros, Gerente de TI da FPS, diz que três fatores foram decisivos para esta rápida adaptação: “O primeiro é que nossas turmas são pequenas, possuem apenas 12 discentes, o segundo foi o fato dos docentes já conhecerem a plataforma de webconferência desde o ano passado e o terceiro é o suporte imediato de TI que disponibilizamos para apoiar os usuários

em caso de dúvida. Desta forma, nós focamos apenas na elaboração de uma força-tarefa para construirmos vídeos tutoriais para capilarizar o acesso à plataforma”.

Além disso a equipe da Biblioteca e do Laboratório de Recursos Digitais está em interação com docentes e discentes para o apoio nesta nova rotina de estudos. Para os técnico-administrativos e diretoria, o acesso aos sistemas e informações estão funcionando normalmente, a única diferença é que agora estão trabalhando em casa.

A transformação na área tecnológica iniciou



Na FPS, a comunidade acadêmica já se encontra 100% em home office

em 2014, quando investimos mais de R\$ 6 milhões; mas foi maior em 2019. “Realizamos uma pesquisa de maturidade digital e desenvolvemos um plano de ação que inclui garantir a capacidade de inovação e identificamos fragilidades. As soluções começaram a ser implementadas”, afirmou. A migração para o serviço em nuvem foi gradual. Atualmente 94% estão em nuvem e a meta é aumentar para 98% até agosto de 2020.

“O mundo é responsivo e as mudanças rápidas e constantes têm exigido que as organizações adotem o caminho da transformação digital. Mas as

novas dinâmicas do mercado não estão centradas apenas nas TIC's, é importante focar sempre na sociedade, no consumidor final; é através deles que os modelos organizacionais precisam ser repensados e reinventados”, afirmou Marcones Barros.

“O mundo é responsivo e as mudanças rápidas e constantes têm exigido que as organizações adotem o caminho da transformação”



Foto: Divulgação

Com o enredo enraizado na obra máxima do alemão Goethe, peça escrita em 1950 possui uma discussão sobre os valores morais, mas também há vários momentos de humor



O 'Fausto' de Ariano Suassuna

Escrito há 70 anos pelo paraibano, 'Auto de João da Cruz' ganha sua primeira montagem profissional

Cairé Andrade
caireandrade@gmail.com

Há 70 anos, Ariano Suassuna (1927-2014) escreveu a peça *Auto de João da Cruz*. Ele morreu sem ter visto essa obra ganhar vida nos palcos profissionalmente.

No começo deste ano, o grupo OmondÉ apresentou pela primeira vez o espetáculo do autor paraibano para o público do Rio de Janeiro, em virtude da comemoração de uma década de criação da trupe carioca. A diretora e atriz Inez Viana relembra quando questionou ao pernambucano Carlos Newton Júnior, um dos maiores especialistas na obra de Suassuna, sobre o fato curioso desta montagem nunca ter sido encenada antes.

"Ele me contou que Ariano não se esforçava para que montassem suas peças", explica. "Depois do *Auto da Compadecida*, grandes companhias de teatro lhe pediam comédias, para que se repetisse o mesmo sucesso. Daí vieram *O Santo e a Porca* para Cacilda Becker, *O Casamento Suspeitoso* para Sérgio Cardoso, *A Pena e a Lei* para Hermilo Borba, entre outros".

///Achei que voltar a Ariano Suassuna para a comemoração de 10 anos da Cia. OmondÉ seria simbólico, por marcar o fim de um ciclo para um novo se abrir///

O primeiro contato da diretora com a peça veio através do filho de Ariano, Dantas Suassuna, que estava na época compilando a obra teatral juntamente com Carlos Newton Júnior, e apresentou a Inez Viana dois textos inéditos. Além de *O Auto de João da Cruz*, estava *Os Homens de Barro*. "Achei que voltar a Ariano Suassuna para a comemoração de 10 anos da Cia. OmondÉ seria simbólico, por marcar o fim de um ciclo para um novo se abrir", analisa, já que a primeira montagem do grupo também partiu de uma obra inédita do paraibano, *As Conchambranças de Quaderna*. Viana revela planejar seguir com a montagem para *Os Homens de Barro* em uma linguagem inusitada, mesclando teatro com documentário.

As raízes da Cia. OmondÉ com a Paraíba vão além do dramaturgo. "Temos no grupo dois autores nordestinos: Zé Wendell, paraibano, e Júnior Dantas, potiguar. Para o *Auto de João da Cruz* chamamos também uma atriz baiana, Tatiana de Lima. O elenco completa com os cariocas Leonardo Brício e Luis Antonio Fortes; o mineiro, de Leopoldina, Iano Salomão; outro mineiro, de BH, André Senna; e a niteroiense Elisa Barbosa".

De acordo com Inez Viana, o *Auto de João da Cruz* conta a história de um jovem carpinteiro que, inconformado com a ausência do pai e com a miséria em que vive, resolve sair da casa em busca de riqueza e poder, deixando tudo pra trás -

sua família, amor e amigos. O Cego, uma espécie de demônio e guia, resolve fazer uma aposta com João pela sua alma. Com isso, o protagonista se transforma em um homem frio e cruel, mudando seu nome para João sem Medo. Quando, enfim, recobra a consciência, já é tarde demais.

"Apesar da discussão sobre os valores morais, há muitos momentos de humor. Portanto, trato a peça como uma tragicomédia", define a diretora. Quando Ariano Suassuna escreveu a obra, em 1950, tinha como base a história de *Fausto*, famoso poema trágico do alemão Goethe (1749-1832), cujo enredo é de um homem que vende sua alma ao diabo, em busca de poder.

Foi no ano de 1998, no Recife (PE), que Inez Viana conheceu Ariano Suassuna pessoalmente. "Foi amor à primeira vista", exclama. "Por ele e por Zélia, sua talentosa esposa".

Retornando ao Rio de Janeiro, ela iniciou uma pesquisa sobre a obra e sobre o movimento criado pelo paraibano, o Armorial.

Em 2000, ela idealizou e dirigiu um documentário sobre a Cavalcada à Pedra do Reino, além de criar e produzir dois festivais que levavam o nome do autor, em 2001 e 2004, nos quais contaram com a presença do próprio. "Fiz a coordenação dos seus 80 anos, no evento produzido pela Sarau Agência de Cultura Brasileira, que culminou com uma Aula-Espetáculo, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro".

+ Paraibano "jamais ficará datado"

A estreia da montagem do *Auto de João da Cruz* aconteceu na capital fluminense, entre os meses de janeiro e fevereiro deste ano, sendo recebida muito bem pelo público, sempre com casa lotada, segundo a diretora Inez Viana.

Em maio, o grupo se apresentaria em São Paulo, mas, devido à proliferação do novo coronavírus (Covid-19), a temporada foi adiada para agosto. "Estamos torcendo e trabalhando muito para nos apresentar no Nordeste também", comenta animada.

Além de Ariano Suassuna, Inez conta que a Cia. OmondÉ já montou *A Mentira*, do pernambucano Nelson Rodrigues (1912-1980), e segue pesquisando sobre a obra de outros autores nordestinos, dentre os quais destacou o baiano Aldri Anunciação e a potiguar que foi radicada na Paraíba Lourdes Ramalho (1920-2019).

Primeira peça dirigida por Inez, *As Conchambranças de Quaderna*,

foi encenada pela trupe em 2009. De acordo com a artista, a iniciativa partiu dela para entrar em contato com Ariano Suassuna após ser convidada para dirigir uma peça para o Festival Internacional de Teatro de Angra dos Reis (Fita), que contou como resultado o surgimento do OmondÉ. "Fui ao Recife falar com Ariano e ele me mostrou *As Conchambranças de Quaderna*. Foi um sucesso estrondoso no Rio e por todos os lugares por onde passamos. Virei diretora teatral por causa desta peça, e a companhia surgiu por causa dela também", aponta. "Até o nome, 'omondé', é em homenagem a Ariano, que usava a expressão quando se referia a uma confusão armada".

Para Inez Viana, o paraibano é um dos maiores autores brasileiros. "Atemporal, jamais ficará datado", reforça. "Um gênio da cultura brasileira, com um papel essencial na contribuição de uma arte erudita", sentencia a diretora.

Foto: Divulgação



Baseado em outro texto inédito de Ariano, 'As Conchambranças de Quaderna' foi encenada em 2009

Bolsonaro: sociopata ou o novo Nero?

Existem diferentes versões sobre as causas do grande incêndio que destruiu parte da antiga cidade de Roma no ano de 64 d.C. Uma das mais conhecidas aponta o imperador Nero como o mentor do crime, após seu plano de desapropriação de uma área para construção de um complexo palaciano ser frustrado pelo Senado. E que seria reforçada pelo fato dele ter comprado terrenos próximos ao palácio depois do trágico acontecimento.

Dizem que Nero assistiu, fleumaticamente, a cidade ser consumida pelas chamas enquanto tocava lira. Sadismo típico de tiranos. Os cristãos, que na ocasião eram vistos como uma seita inconveniente e perigosa para o Estado, foram acusados de provocar o incêndio. Uma estratégia perfeita para desviar as atenções e eliminar um grupo indesejado. Muitos deles seriam mortos de forma cruel, queimados vivos, devorados por animais e crucificados.

Um dos vários problemas dos sistemas hereditários de poder é a maior chance que uma pessoa louca, idiota ou cruel assumo o controle do governo. Um monarca hereditário não é obrigado a passar pelo crivo de eleitores. Muito menos é escolhido por suas capacidades intelectuais ou políticas. Por outro lado, as modernas democracias, além de permitirem que seus cidadãos escolham entre distintos candidatos e partidos, avaliando suas capacidades e projetos, possuem dispositivos de controle que limitam o poder dos governantes e garantem a sua alternância.

Isso não significa que as escolhas feitas democraticamente pelos eleitores sejam sempre "boas" ou fundamentadas em lúcidos critérios racionais. A história política do país não me deixa mentir. Mas ao contrário do que acontecia com os reis absolutistas do passado, os mandatos dos nossos presidentes da República possuem tempo determinado e podem ser interrompidos em caso de crimes de responsabilidade – como o de atentar contra a segurança nacional.

A história também nos mostra que em momentos de crise aumentam os riscos que figuras abertamente cruéis e anti-democráticas vençam eleições. Poucas pessoas lembram que Adolf Hitler se tornou Chanceler alemão por meios democráticos. O mesmo aconteceu com Bolsonaro, defensor do regime militar, que se elegeu presidente durante a crise mais importante que vivemos em todo período de redemocratização do país.

Nos últimos meses cresceu uma movimentação em torno de uma possível interdição psiquiátrica de Bolsonaro. Figuras como o jurista Miguel Reali Jr, autor do pedido de impeachment de Dilma Rousseff, endossaram essa ideia. A Associação de Advogados e Advogadas pela Democracia, Justiça e Cidadania pediu para que o MPF/DF entrasse com um pedido de interdição do presidente. Ela deseja que uma junta médica psiquiátrica avalie Bolsonaro e julgue se ele é capaz de continuar no cargo. Também apareceram na internet psicanalistas sérios sugerindo que ele é um sociopata.

O perigo desse debate é que ele esvazia o debate político. É evidente que Bolsonaro dá muitas demonstrações de falta de empatia, crueldade, equilíbrio mental e emocional. Em 2016, ao votar favoravelmente pelo impeachment, Bolsonaro fez menção ao Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra a quem chamou de "o pavor de Dilma Rousseff". Ustra foi uma das figuras mais sinistras da ditadura militar; torturador abjeto que colocava ratos na vagina das mulheres presas pelo regime. Em entrevista à rádio Jovem Pan, em 2016, Bolsonaro disse que "o erro da ditadura foi torturar e não matar." Antes, em 1999, já tinha afirmado no programa Câmera Aberta, da rede Bandeirantes de Televisão, que mudaríamos o Brasil "matando uns 30 mil".

Não podemos esperar muito de um presidente com essas "credenciais éticas" dirigindo o país em um dos momentos mais dramáticos de sua história. A orientação da OMS e dos especialistas em saúde de todo o mundo é a aplicação de quarentena, medida essencial para evitar a morte em massa de pessoas e o colapso do sistema de saúde. Na contramão, Bolsonaro age como um genocida ao assinar uma medida provisória que autorizava empresas cortarem por quatro meses os salários de seus empregados; defendendo ainda, num irresponsável pronunciamento em rede nacional, o fim das medidas de isolamento impostas pelos governos estaduais.

Bolsonaro demonstra, sem pudor, que não se importa que milhares de brasileiros morram, desde que as perdas econômicas sejam suavizadas. Um cálculo pragmaticamente cruel e mesquinho. Ele se comporta como Nero, tocando uma música sádica e funesta, enquanto o país se esvai em chamas. É urgente tirá-lo da presidência.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com

Cuidar de si e suportar-se

Na mitologia grega, o semideus Prometeu surgiu na *Teogonia* nos versos 507 a 616 (Século 8 a.C.), escrito pelo poeta grego Hesíodo (aproximadamente entre 750 e 650 a.C.). Prometeu é apresentado como um desafiante à autoridade divina e o saber absoluto de Zeus (o deus supremo). Hesíodo narra que, durante um banquete, com a finalidade de estabelecer a paz entre mortais e imortais, Prometeu lançou um desafio para Zeus, e, ao final desse desafio, Prometeu conseguiu que todos os humanos ficassem com a carne dos animais que sacrificariam, e os deuses ficassem somente com os ossos cobertos de gordura. Esse resultado enfureceu Zeus e, por vingança, retirou o fogo dos humanos. Prometeu, possuidor de muita inteligência, roubou esse fogo e o devolveu à humanidade. E isso irritou ainda mais Zeus. Como castigo, Prometeu foi acorrentado a uma rocha – por ordem de Zeus – onde seu fígado era devorado por uma águia, a fim de vê-lo regenerar-se durante a noite, devido à sua imortalidade. Após alguns anos, surge o herói grego Hércules, que abateria a águia e libertaria Prometeu de suas correntes. Nesse drama, se conclui que: "a conquista de uma dignidade gera o ódio, e se deve manter a resiliência para suportar à má sorte e se cuidar na dor de existir, com a certeza de que a própria liberdade surgirá na compaixão". Prometeu representa a vontade humana, e a captura do fogo representa a busca do conhecimento pela ciência. E só através da compaixão é possível vencer a ira de um perverso, mesmo que esse perverso seja um mito.

O poeta e estadista alemão Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) escreveu o poema *Prometheus* (1776), que representa a ironia humana para com Zeus, segue um trecho: "...Eu honrar a ti? Por quê? Livraste a carga do abatido? Enxugaste por acaso a lágrima do triste?..." Goethe apresenta – na natureza humana – a necessidade de uma rebeldia e esse conflito se apresenta na sociedade contemporânea. Outro poema intitulado *Limite da Humanidade* (*Grenzen der Menschheit*), Goethe reconhece a incapacidade humana e elogia a divindade, vejamos um



Foto: Divulgação

Filósofo e crítico literário francês Michel Foucault

trecho: "...O que distingue os deuses dos homens? Muitas ondas. Rolam perante as que chegam uma eterna corrente: a onda levanta-nos, engole a onda e nós naufragamos...". Nesses poemas pode-se concluir que Goethe radicaliza a existência da autonomia como uma força inata da natureza humana.

Nos dias atuais, para compreender a má sorte e a dignidade de existir, faz-se necessário dimensionar o espaço da morada da existência humana e o novo significado da resiliência. Michel Foucault (1926-1984), filósofo, filólogo, crítico literário e professor, se direciona para um ethos (lugar da existência humana) que deixa de ser uma obediência às regras para se constituir uma estética da existência. Foucault associa a arte com a vida do indivíduo; e não concorda com os princípios universais da ética. Sua estética da existência se apresenta através das práticas concretas. Ele afirma no seu último trabalho *Sobre a Genealogia da Ética* que "A partir da ideia de que o indivíduo não nos é dado, acho que há apenas uma consequência prática: temos que criar a nós mesmos como uma obra de arte. (...) Nós não deveríamos relacionar a atividade criativa da pessoa ao tipo de relação que ela tem

consigo mesma, porém deveríamos ligar o tipo de relação que se tem consigo mesmo a uma atividade criativa".

Segundo Foucault, a história não diz o que somos e nem afirma a nossa identidade, ela nos diferencia e nos separa de nós mesmos. Nesse argumento se admite a necessidade de uma relação do indivíduo consigo mesmo. Isso leva o indivíduo a experimentar os limites do presente e a ideia de subjetivação, e a relação de poder entre o institucional e o indivíduo. Esse poder cria a constituição de saberes e é a noção de "saber-poder", logo, o indivíduo se constitui pelas próprias ações com os modos de ser, e as possibilidades de desejos de si para si mesmo. Aqui entende-se o Cuidado de si. No livro *As Palavras e as Coisas* (1966), Foucault afirma que o humano sempre desaparece diante de si, e que a substância ética é volátil e não depende de uma racionalidade. No seu texto *Tecnologia do Eu*, ele anuncia que os indivíduos, a partir deles, devem alcançar a perfeição e a felicidade. E que o sujeito ético é constituído da liberdade de pensar sua vida como uma obra de arte, que toma a forma de um domínio de si, pela qual se relaciona consigo mesmo na relação que tem com os outros. Essa atitude é um valor estético.

Foucault através do livro *Alcibiades*, do filósofo grego Platão (428/427 a.C.-348/347 a.C.), fundamentou o conceito do Cuidado de Si. Na tradição estoica, o sujeito a partir de si, busca obter a verdade que dá acesso à realidade do mundo. E a ascese – controle do corpo e do espírito – é elevada a um ethos (lugar/morada) que dá origem a relação consigo mesmo, com os outros e com a verdade. Para Foucault, a estética da existência é uma defesa à liberdade e da autoimaginação.

Sinta-se convidado para a audição do 260 domingo sinfônico. Vamos conhecer as peças e o pensamento de Antonio Lucio Vivaldi. Essa audição será transmitida pela Rádio Tabajara, deste domingo, das 22h até as 00h. Para o ouvinte da cidade de João Pessoa/PB, sintonize AM 1.110 ou FM 105,5. Para quem reside em outra cidade baixe o aplicativo ou busque no Google radiotabajara.pb.gov.br.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Tu me acostubraste

Eu conheci o som de Salvador Sobral pela boca de Caetano Veloso. O artista baiano escreveu sobre o rapaz português no final de 2017, se não me engano. Fui atrás. Fiquei impressionado com a voz e a beleza da performance do Salvador! Parece que cada pessoa tem um nome e esse nome tem seu peso. Não é qualquer um que tem o nome da cidade de São Salvador.

A semana passada, um alerta no meu *imêio*, avisava que Salvador Sobral tinha lançado um novo single, 'Tu me Acostubraste', de Frank Domingues, que eu tinha escutado pela primeira vez na voz de Caetano, no LP *Araçá Azul* (o quinto de carreira), sendo a terceira faixa do lado A, lançado em 1973.

A música é linda, "Tu me acostubraste / a todas esas cosas / Y tu me enseñaste / que son maravillosas / Sutil llegaste a mi como una tentación / Llenando de inquietud mi corazón / Yo no concebía como se quería / En tu mundo raro y por ti aprendí / Por eso me pregunto al ver que me olvidaste / Por que no me enseñaste cómo se vive sin ti".

Eu tenho só o primeiro disco de Salvador Sobral, *Excuse me* (composição dele e de Leo Aldrey), presente de Palmari di Lucena. Eu escuto quando estou sozinho, bem sozinho. Nesse disco, Salvador canta 'Nem eu', de Dorival Caymmi, gravada em 1953. Ou seja, nesse disco, Salvador preenche um pedaço da nossa Bahia. "Ó Bahia, Bahia que não me sai do pensamento..."

No segundo álbum *Paris, Lisboa*, de 2019, o artista gravou 'Ela Disse-me Assim', de Lupicínio Rodrigues, um lindo samba-canção, um clássico, que, segundo o próprio autor, foi inspirado em um daqueles "romances proibidos" que ele preferia não revelar, embora os versos sejam tristes e anunciem o fim de um romance. Lupicínio lançou pela Continental em março de 1959, na voz de Jamelão. Na voz de Gal Costa e de Adriana Calcanhotto, a canção nos leva para outros destinos: "Ela disse assim, tenha pena de mim, vá embora..."

Salvador Sobral é um homem lindo. Letrista e cantor de voz jazzística, mas também de repertório pop, que vem marcando sua carreira pelas opções musicais entre palcos e festivais. Pelo cuidado na escolha das letras e nas colaborações, e, sobretudo, pela presença enorme e fôlego com que se dá às canções. É lindo ele cantando 'Ay amor' (Ignácio Villa, o Bola de Nieve) também gravada por Caetano Veloso no *Fina Estampa* ao vivo, em 1995.

Com dois discos e um ao vivo, *Excuse me*, Salvador Sobral é nome na música do mundo. E consolida a sua visão de música e mundo.

Li que Salvador Sobral era, desde os quatro anos, o menino que cantava nas festas, mas profissionalmente queria ser psicólogo da área esportiva, por isso partiu de Lisboa para Palma de Mallorca, pelo programa Erasmus, para estudar. Estudava de dia e cantava à noite, até que começou a encadear apresentações diárias por cem euros. De Palma saltou para Barcelona, para entrar em uma escola de música, onde aprendeu a compor, treinar o ouvido e conhecer mais a história do jazz, sua paixão.

O canto de Salvador é lindo.

'Nada de esperar', canção dele e Leo Aldrey, é a resposta do tempo. É o tempo que vai longe e se encaixa no som da minha caixa, que gosta de música. É como ele mesmo diz, a vida, uma conversa constante, mas em vez de entre pessoas, entre instrumentos.

Salvador Sobral, *tu me acostubraste*.

Kapetadas

- 1 - Rapaz, eu tô besta, com esse coronavírus.
- 2 - O que Dostoiévski diria sobre tudo isso?
- 3 - Salve o Brasil, que aguenta mais de um apocalipse por ano.
- 4 - Som na caixa; "Foi fazer no domingo um passeio no parque, lá perto da Boca do Rio", Gilberto Gil.

Foto: Divulgação



Salvador Sobral em uma apresentação no Festival Eurovision

Cinema

Alex Santos
Cineasta e professor da UFPB

Há 20 anos, a crítica de cinema perdia o seu líder

O dia 13 deste mês, que se deu numa sexta-feira, com todos os halloweens e alarmantes pandemias virais, há exatos 20 anos, o mesmo 13 de março aconteceu numa segunda-feira; e do iniciar de novo século. À época, euforias e festejos à parte, um sucedido lastimoso nos deixara abatidos. O jornalismo crítico, cinematográfico, ficava desvalido ao perder um de seus mais discretos e admirados cultores; no rádio, as *Luzes do Cinema* também se apagaram...

Rebobinando hoje esse filme, e buscando o final dos anos 1960, vejo uma Associação dos Críticos Cinematográficos da Paraíba já agonizante, tendo como seu último presidente o amigo Antônio Barreto Neto. Ele, que exercia o jornalismo de "batente", em A União, fazendo igualmente a crítica de cinema. Periodismo que eu também fazia em *O Norte*, inclusive com uma coluna diária, *Tela & Palco*, até início dos anos 1980, quando me transferei para a UFPB.

Mas foi ainda nos tempos da ACCP que nossos caminhos se cruzaram, já a partir de 68, quando passei a fazer parte da associação, que tinha como sede não mais a API da Visconde de Pelotas, mas o último andar do prédio que ficava nos fundos do Cine Rex, na Duque de Caxias. Lá ficava a redação de um jornal do Sul do país (não lembro qual), que Barretinho era correspondente.

Sempre o procurando nas alturas, nos encontrávamos lá numa sala, para tratar do cinema paraibano. Eu ia da Rádio Correio ("Radiola da Cidade"), recém-inaugurada no Ponto Cem Réis, onde fazia sua locução comercial e tinha dois programas de cinema (*Cine Projeção*), com trilhas sonoras de Moacir Barbosa.

Algumas vezes o procurava, a convite do próprio Barretinho, em sua casa, no



Foto: Divulgação

Jornalista e crítico de cinema Antônio Barreto Neto, um de seus mais discretos e admirados cultores

bairro do Cordão Encarnado, Centro desta capital, sempre com a recepção simpática de sua esposa Elza, quando então tratávamos de assuntos da ACCP. Num desses encontros, solicitei ao amigo Barretinho que lesse os originais do meu primeiro livro, que, generosamente, o prefaciou:

"Há mais de oito anos militando na crítica e na realização de cinema - e adotando, em ambos os fronts, a mesma postura (digamos) política - Alex Santos tem a autoridade que lhe confere essa experiência para falar com desembaraço sobre as duas coisas. E foi com essa autoridade que ele escreveu *Cinema & Revisionismo*, espécie de resenha, em quatro capítulos, de algumas ideias e teses que vem defendendo, com a garra peculiar dos obstinados, ao longo desses anos, seja na coluna diária de *O Norte*, seja nas palestras e debates que promove para alguns estudantes e cineclubes, seja, enfim, escrevendo *scripts* e montando

seus exercícios de curta-metragem em Super 8 ou 16 mm.

As francas observações do sempre lembrado Barretinho são corroboradas por um outro grande amigo meu, parceiro de cátedra na UFPB, também de saudosa memória, o cineasta Linduarte Noronha, que igualmente enriqueceu o meu livro *Cinema & Revisionismo*:

"O trabalho de Alex Santos é um depoimento surgido anos depois, mas com tamanha visão e análise dessa indiferença ao esforço local, que chega a falar por todos que tentaram fazer cinema e ainda tenham. Valeu a pena esperar".

A ambos - Barretinho e Linduarte -, minha grata lembrança. Também a um outro amigo que se foi, o cineasta Machado Bitencourt, parceiro de tantas sagas, sempre em razão da nossa *arte movie* - Mais "coisas de cinema", acesse: www.alexantos.com.br.



APC: Vida e obra de seu Patrono

ACADEMIA PARAIBANA DE CINEMA - Cadeira Nº 18, Patrono: ANTÔNIO BARRETO NETO (Ocupante: João Batista de Brito) "Barretinho", como era chamado, embora tenha cursado Direito, dedicou toda sua vida ao jornalismo e à crítica cinematográfica. Foi o último a comandar a ACCP, tendo dirigido o programa *Luzes do Cinema*, durante alguns anos, na Rádio Tabajara. Foi considerado o melhor crítico paraibano de cinema de sua época. Na gestão do prof. Moacir Barbosa de Sousa, foi homenageado com a Sala Barreto Neto, da Associação Paraibana de Cinema. Como roteirista, participou de diversas curtas na bitola Super 8, quando realizou *O Estranho Caso de Leila*, depois colaborou no roteiro do longa *O Salário da Morte*. Ainda com Linduarte Noronha, fez o roteiro adaptado para o cinema do livro *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida, cujo original jamais foi filmado.

Artigo

Manoel Luiz Silva
manoelluizsilva1940@hotmail.com

Colégio Agrícola de Bananeiras chega aos 100 anos hoje

A Universidade Federal da Paraíba, Campus V de Bananeiras, já se prepara para comemorar o centenário de fundação do Colégio Agrícola Vidal de Negreiros, como instituição patronal.

Suas atividades iniciaram com a assinatura do Decreto Federal nº 14.118, de 29 de março de 1920, instituindo a fundação do patronato agrícola em Bananeiras, pelo então presidente da República, o paraibano de Umbuzeiro Epitácio Pessoa, cujo teor do decreto trata-se da abertura dos serviços da fundação e construção da entidade patronal aqui em Bananeiras.

A instituição Patronal no Brasil teve início ainda no governo do presidente Wenceslau Braz, pelo Decreto 12.893 de 28 de fevereiro de 1918, quando autorizava o Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, a criar patronatos agrícolas no Brasil.



Foto: Reprodução

criação destas instituições patronais por todo o Brasil, iniciando por Rio de Janeiro, São Paulo, Minas depois vindo para a região Norte e Nordeste. Quando, já por intermédio do presidente da República Epitácio Pessoa, foi criado aqui no município de Bananeiras o patronato agrícola através do Decreto nº 14.118, de 29 de março de 1920:

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

Tendo em vista ao disposto do Art. 37, Verba 3ª, Título "Material", da Lei nº 3.991 de 05 de janeiro de 1920,

DECRETA:

ART. 1º - Fica criado no município de Bananeiras, Estado da Paraíba do Norte, um Patronato Agrícola, que será regido pelo Regulamento aprovado no Decreto nº 13.706 de 25 de julho de 1919.

Aa/ Epitácio Pessoa
-Presidente-

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho
hildebertobarbosa@bol.com.br

Narrativas da catástrofe

Quando o repórter me perguntou que livro indicaria para uma leitura em tempos de quarentena, não titubiei, e respondi: *A peste*, de Albert Camus. E por quê, insistiu o repórter? Ora, por várias razões, disse eu.

Em primeiro lugar, *A peste* não é um romance qualquer, desses que se leem simplesmente para passar o tempo e satisfazer as necessidades emocionais do leitor, sua curiosidade ou sua expectativa lúdica.

A peste pode ser considerado um romance clássico, um clássico moderno, se tomarmos o clássico como aquilo que perdura, transpondo as fronteiras do tempo e garantindo, em si mesmo, o fato de se manter atual, não importam as circunstâncias, constituindo-se numa obra, como diria Ezra Pound, que é novidade e será sempre novidade.

Em segundo lugar, porque sendo fruto de um contexto histórico que envolve a ascensão do nazismo e a tragédia da Segunda Guerra Mundial, o romance de Camus, a partir da singularidade do enredo e da experiência dos personagens diante de uma epidemia de ratos, transpõe os limites da particularidade da catástrofe vivida pela imaginária cidade de Oran, para alcançar dimensões de universalidade, na medida em que, como afirma um dos personagens, "A peste está dentro de nós".

Dito de outra forma: o mal está em nós; "a guerra está em nós", para me valer do insólito título de Marques Rebelo. Nem o homem nem a sociedade escapam ao vírus das catástrofes, que são sinais incontornáveis da natureza e da história. São fenômenos cíclicos para os quais a humanidade deveria estar preparada. As palavras finais do narrador de *A peste*, não deixam dúvidas: "(...) o bacilo da peste não morre nem desaparece nunca, pode ficar dezenas de anos adormecido nos móveis e na roupa, espera pacientemente nos quartos, nos porões, nos baús, nos lenços e na papelada".

O homem, a sociedade, o Estado, os governos, as instituições deveriam saber disso. Por isto, quero crer que as ciências, as religiões, as filosofias, as artes, isto é, tudo que comporta os valores do conhecimento e da sabedoria, podem funcionar como um repositório de elementos capazes de garantir a existência de um mundo melhor. Daí, a urgência urgentíssima de se investir na educação, na pesquisa científica, na cultura, na saúde das criaturas humanas, na saúde da fauna e da flora e na saúde do planeta!

A literatura, por exemplo, me parece um alerta dos mais promissores, um campo de visão dos mais largos, um portal para ampliar nossos horizontes de percepção, uma aventura real que nos enriquece a imaginação e a sensibilidade, pois nos dá lições de cuidado para com a vida real, através de seu olhar crítico, de suas constatações, denúncias e apelos.

Certas obras, em especial, me parecem calhar bem em tempos de quarentena como estes nos quais estamos vivendo, uma vez que tocam em pontos essenciais das situações de ameaça, medo e pavor. De certa maneira, cada uma a seu jeito próprio, temática, técnica e estilisticamente, traz o homem e a sociedade para o fundo do abismo, para a zona de desconforto, para o inesperado da morte que nos ronda sempre com suas garras intangíveis, invisíveis e fatais.

Faço a lista de memória, sem ordem cronológica, apenas atento ao caráter distópico das narrativas. São elas:

- Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury;
- Admirável mundo novo*, de Adous Huxley;
- 1984*, de George Orwell;
- O Amor nos Tempos do Cólera*, de Gabriel García Márquez;
- Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago;
- Estertor*, de Osias Gomes;
- A Auto-Estrada do Sul*, de Julio Cortázar;
- O encalhe dos 300*, de Domingos Pellegrini.

Foto: Divulgação



Albert Camus, autor de 'A peste', que é fruto de um contexto histórico

Cuidados com a alimentação

Pandemia da Covid-19 reforça a importância de hábitos saudáveis, principalmente para os atletas

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

Entre os cuidados para prevenção e elevação da imunidade no combate ao Covid-19 (novo coronavírus), a atenção com a alimentação deve ser uma das prioridades. Essa perspectiva vale para atletas que precisam também manter a sua forma, assim como a população em geral que deve buscar uma rotina saudável no que diz respeito ao alimentos para evitar o surgimento de outras doenças. Além disso, de acordo com especialistas, a alimentação pode contribuir com fatores importantes como a saúde mental, especialmente se estiver aliada com exercí-

cios físicos regulares que também podem ser feitos nesse período em casa.

Cada vez mais ganhando força e adeptos, os cuidados oriundos através da atenção e consulta a nutricionistas tem se tornado ferramentas fundamentais não apenas para a manutenção e melhoria da forma

física, mas principalmente para a melhoria da saúde das pessoas. Nesse sentido, a reeducação alimentar surge como uma ferramenta importante e contínua para que se busque uma rotina positiva para a saúde do corpo e da mente.

Essa perspectiva é válida para atletas que estão em casa e distantes de seus treinamentos regulares, assim também como para as pessoas que não tinham hábitos regulares e que agora possuem a chance de aproveitar esse momento para estabelecerem novos padrões de vida. Nesse cenário, a busca por alimentos saudáveis e funcionais é importante no período de isolamento social. As famílias devem aproveitar o tempo inesperado para criar rotinas positivas que podem, inclusive, contribuir no cenário futuro de retorno ao convívio em sociedade após o encerramento ou arrefecimento da crise com o novo coronavírus.

Rebeca Queiroz é nutricionista com foco na nutrição integrativa e funcional. Ela defende que esse pode e deve ser um momento para que se faça uso de estratégias nutricionais para a melhoria e manutenção da saúde física e mental. Segundo ela, é

mal que as pessoas passem a ficar mais ansiosas nesse momento e a alimentação, se feita de maneira correta, surge como uma aliada no cuidado com o corpo e a mente, além de um forte auxiliar na melhora da imunidade.

“Esse momento pode ser uma oportunidade para cuidar da alimentação de toda família, tendo em vista que nosso grande desafio de uma vida alimentar saudável é a organização do tempo. Devemos utilizar esse momento para construir um cardápio saudável e saboroso, explorando alimentos com preparações variadas”, explicou Rebeca.

Outro fator importante nesse processo é a saúde emocional. Muitos alimentos possuem em sua composição precursores de neurotransmissores – mensageiros dos neurônios – que auxiliam no equilíbrio das emoções e comportamentos. Pessoas com vidas intensas, muito movimentadas e que têm hábitos de exercício regulares, podem sentir ainda mais a quebra do ritmo natural. Nesse sentido, alimentos como abacaxi, banana, aveia, grão-de-bico e kiwi, são ótimas opções para a alimentação segundo a nutricionista.

Por outro lado, especialmente por conta do medo criado de que possa haver um desabastecimento de comida no comércio, muitas pessoas tem elevado o consumo e a compra de alimentos enlatados e embutidos como mortadela, salchicha e linguiça, além de temperos industrializados e biscoitos recheados. Esses alimentos, assim como o consumo exagerado de comidas açucaradas e ricas em gordura saturada são riscos para a saúde do corpo e da mente.

“Por medo de haver uma falha no abastecimento, muita gente tem recorrido aos alimentos industrializados como os enlatados e embutidos. Esse é um grande risco e que não se justifica, pois existem opções melhores no mercado, com preço acessível e que estão em abundância. O alimento saudável é produtor de saúde em toda escala produtiva até chegar na sua mesa. Deve-se priorizar as frutas, hortaliças, grãos integrais, oleaginosas (castanhas, amêndoas, amendoim), leguminosas (feijão, fava, grão de bico, lentilha e ervilha) e os tubérculos (inhame, macaxeira e batata doce)”, afirmou.



Foto: Divulgação

A nutricionista Rebeca Queiroz defende estratégias alimentares para a melhoria e manutenção da saúde física e mental

DICAS PARA UMA BOA ALIMENTAÇÃO DURANTE O ISOLAMENTO SOCIAL

- 1 - Montar uma lista com alimentos saudáveis que tenham um tempo de vida maior, como frutas, hortaliças (Verduras e legumes), leguminosas (feijão, grão-de-bico e outros), tubérculos (inhame, macaxeira, batata doce).
- 2 - Adotar estratégias de higiene e armazenamento que auxiliem na preservação dos alimentos e facilite a utilização durante a quarentena, como por exemplo o congelamento, o preparo das refeições e o congelamento nas medidas de uso diário.
- 3 - As frutas com maior durabilidade são maçã, pera, goiaba, laranja e limão. Para consumir as frutas com menor durabilidade, você pode escolhê-las em fases de maturação diferentes, como por exemplo a banana um pouco mais verde e outra concha mais madura. Existe a possibilidade de congelar as frutas que amadurecem mais rápido como abacaxi, morango, manga, acerola, caju e outras. As frutas pertencem há grupo de alimentos importantes como fontes de vitaminas, sais minerais e fibras. São opções maravilhosas para lanches.
- 4 - As hortaliças (verduras e legumes) são cenoura, chuchu, batata, beterraba, abóbora, cebola, repolho, acelga e couve-flor. Para os outros pode-se adotar as mesmas medidas de armazenamento que as frutas. Para este grupo você pode higienizá-las e cortá-las e armazenar em potes pequenos para congelar. Na noite anterior da utilização, você coloca na parte de baixo da geladeira e deixa descongelar. Depois é só submeter ao cozimento no vapor.
- 5 - A higienização em tempos de coronavírus é fundamental, para uma higienização segura, você deve lavar o alimento em água corrente com o auxílio de um esponja (de uso exclusivo) para remover as sujidades. Depois deixe de molho em uma bacia (de uso exclusivo) com água sanitária diluída em água potável, na seguinte proporção, para cada 1L de água 1 colher de sopa de água sanitária.



Foto: Divulgação

CONFIRA ALIMENTOS FUNCIONAIS QUE PODEM AUXILIAR NO AUMENTO DA IMUNIDADE

- O gengibre possui características antioxidantes e antivirais;
- As oleaginosas (castanhas de caju e do Pará) apresentam em sua composição zinco e selênio que auxiliam no equilíbrio na imunidade;
- A semente de girassol que é uma fonte importante de vitamina E e um antioxidante;
- As frutas cítricas como o limão, apresentam propriedades importantes no combate aos radicais livres;
- O açafrão ou a cúrcuma possuem como composto bioativo a curcumina que tem ação antiviral, antifúngica e anti-inflamatória.



Foto: Divulgação

Cidades arborizadas são oásis em meio ao asfalto

É preciso aliar o desenvolvimento das cidades à preservação da natureza para garantir a qualidade de vida

Alexandra Tavares
lekaip@hotmail.com

Os benefícios que as árvores trazem ao meio ambiente são indiscutíveis. Nos centros urbanos, mesmo disputando espaço com as edificações, e em quantidade menor do que na zona rural, elas desempenham inúmeros papéis, trazendo mais bem-estar a todos. De uma simples sombra cedida a um viajante que descansa embaixo de sua copa, até o auxílio no retardamento do aquecimento global, esse importante patrimônio ambiental das cidades deve ser preservado pelo bem do próprio homem e dos animais, alertam especialistas.

Nas cidades, as árvores possuem função biológico-climática e ecológico-ambiental. "Desempenham diversos papéis como o equilíbrio do ecossistema, a redução da poluição, regula o microclima e promove o bem-estar psicológico e físico", completou a ecóloga e bióloga Anne Falcão de Freitas, que tem mestrado e doutorado na área de desenvolvimento e meio ambiente.

Segundo ela, as árvores inseridas nas cidades são essenciais por serem elementos naturais, que atuam como reestruturadoras do espaço urbano, pois atuam positivamente no microclima, a partir do sombreamento e evapotranspiração, ou seja, atenuam a temperatura, aumentam a umidade, absorvem a radiação solar, protegendo os indivíduos da radiação direta, oferecendo mais conforto térmico. O equilíbrio das condições do ar é muito importante para o ser humano. Em algumas metrópoles do país, como São Paulo, quando a umidade do ar está bem abaixo do satisfatório, algumas pessoas têm problemas de saúde e o nariz chega a sangrar.



Foto: Marcus Antonius

Ruas de João Pessoa: árvores equilibram o microclima e melhoram a qualidade de vida da população

SAIBA MAIS

Veja outras funções das árvores:

- Contribuem para a absorção da água da chuva nos centros urbanos, sendo importantes para o ciclo hidrológico e na formação do lençol freático.

- Ajuda a prevenir enchentes.

- Suas raízes estabilizam o solo, impedindo o surgimento de erosões.

- As árvores atuam na organização da composição de espaços para o desenvolvimento das atividades humanas, como: praças; valorização visual e ornamentação do ambiente;

- Proporcionam aos moradores das cidades, maior contato com a natureza.

- Gera efeitos positivos na saúde mental e física da população.

- Contribuem na redução do ruído nas cidades, na absorção da poeira e de material particulado do ar, assim como, absorvem o excesso de gás carbônico (CO²), lançado por veículos e chaminés.

Continua na página 14

Municípios precisam adotar planejamento

Esses verdadeiros "soldados verdes" ainda trabalham em benefício do equilíbrio da atmosfera. Em tempos de aquecimento global, em que ambientalistas alertam sobre a necessidade de se reduzir os gases responsáveis pelo efeito estufa, a manutenção das árvores em todos os cantos da Terra se torna ainda mais imprescindível. Segundo Anne Freitas, elas reduzem os gases do efeito estufa, auxiliando no retardamento do aquecimento do planeta.

O aquecimento global também intensifica as ilhas de calor nos centros urbanos, fenômeno que ocorre a partir da elevação da temperatura onde há maior concentração de edificações e elementos que dificultem a circulação do ar. A presença de árvores nesses locais minimiza os efeitos das ilhas de calor.

Gestão pública

A ecóloga e bióloga Anne Falcão de Freitas ressalta que o crescimento urbano tem expandido as áreas a serem construídas, em detrimento das áreas arborizadas. Assim, a elaboração de um plano com diretrizes, conforme as características físicas, biológicas e geográficas para a conservação e ampliação da arborização urbana tem ficado em segundo plano. "Dada a importância das árvores no ambiente urbano, é importante o investimento nessa área, e em ferramentas que garantam um planejamento de cidade e a manutenção das árvores", destacou.

O escritor, professor e biólogo Boisbaudran Imperiano afirma que a "ignorância" de alguns gestores dos

municípios brasileiros sobre a relevância de manter planos de arborização sistemáticos nas cidades, contribui para a falta de uma maior arborização nos centros urbanos.

"Chamamos atenção para que os municípios do país aumentem a implantação de planos de arborização, invistam mais em plantio de árvores nas cidades, contudo, antes de implementar tais planos, faz-se necessário um planejamento minucioso, levando em consideração diversos aspectos do ambiente urbano com o fito de que não exista conflito entre as espécies vegetais com as estruturas urbanas, haja visto que não são todas as espécies de árvores que servem para o plantio em áreas urbanas", declarou Imperiano.

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com

Pontos de mutação e equilíbrio

Não sou muito amante da ciência oficial, como ela aparece por aí - categórica, rançosa, autoritária e sem humor -, mas não ando também a querer extrair sangue ou leite das páginas de Nostradamus, nem de profetas como a dos maias.

(Nunca esqueço quando, há pouco mais de dez anos, algumas pessoas tentaram o suicídio por causa de uma interpretação equivocada, ou de má fé, de que o mundo chegaria ao fim no mês de dezembro).

Considero que nessas coisas de astrologia, ocultismo, etc., deve haver o devido rigor na separação entre o joio e o trigo. Há uma leva de astrólogos despreparados, seguindo métodos incorretos ou incompletos, em plena segunda década do século XXI. Tenho lido e escutado tanta besteira por aí...

Astrologia não é brincadeira. Não é para qualquer pessoa que deseja transferir seu desejo de domínio mental (e outros domínios, inclusive os sexuais), para um campo cósmico, universal, que leva a explicações sobre mitos dos gêneros e divin-



dades. É preciso cuidado ao se discutir assuntos como os de ocultismo e astrologia. Infelizmente não há, no Ocidente, uma tradição de jornalismo científico. No final da década de 80, cá na Paraíba, Evandro da Nóbrega tentou a criação de um

grupo ou entidade para desenvolver um jornalismo científico. Não deu. Não houve suficiente eco.

A divulgação científica na imprensa brasileira é escassa.

Nada acontece de interessante na área, à exceção da página sobre ciência na "Folha de S. Paulo", da coluna "Atualidade científica" no "Estado de S. Paulo" e de uma página dominical no "Diário de Pernambuco".

Ver um cometa ou um asteroide a olho nu é uma aventura menor que atravessar o corpo e a alma do próximo como se o atrevimento fosse o de atravessar a si mesmo, para reverificar se realmente os raios maiores vindos de alguns planetas (como demonstra a astronomia) podem afetar a saúde de alguém (como teoriza a astrologia).

Melhorei minha visão sobre isso ao ler "A chave da alquimia", de Paracelso. Sou um dos que confluem para os pontos de mutação e equilíbrio entre a astronomia e a astrologia.

Ou se é ou não

Gostaria de escrever com o tom da inocência ou dos inocentes. No entanto, parece que tanto ela como eles estão invisíveis.

Marcel Proust entrou no tempo, como se ele estivesse perdido. Parece-me que o tempo, assim expressado, relaciona-se à inocência e aos inocentes. Dirigi o olhar para o ponto mais distante e oscilante do horizonte e descobri que o Atlântico como os outros oceanos não recuperam o tempo. Por consequência, irrecuperáveis estão a inocência e os inocentes. Quanto à minha, é apenas uma parte da memória.

Estou viciado em horizonte. Não somente o marítimo. Apenas a sua ausência de limites, a sua falta de fim, me deixa

retroceder através de meu próprio avanço imaginário, imaginético. Com isso ganho mais "insights".

Deus deixou de ser um mistério e não é necessário o papa Francisco para dar explicações ou bênçãos. Nunca compreendi tanto o Ser Maior como/quanto nesta estação de cósmicas turbulências.

Deus e os anjos sonham. Não são sem forma(s). A reunião de nossas formas é uma das prováveis formas de Deus. Incluam-se os anjos.

Ou se é, ou não. A indecisão hamletiana não é uma questão. É uma resposta definitiva da razão ocidental, da qual Shakespeare foi uma de suas mais fiéis traduções, tradições e... trações. Charles ou Lestá? O Anjo 45 ou o vampiro? Dos dois, quem mais próximo do real?

João Pessoa é privilegiada entre as cidades brasileiras

Ambientalistas alertam, no entanto, para a necessidade de reflorestamento e planejamento de urbanização

Alexandra Tavares
lekaip@hotmail.com

O cuidado com as árvores e com o meio ambiente desperta o interesse de algumas entidades formada por pessoas que se reúnem para realizar um trabalho de conscientização e defesa dos recursos naturais. Uma delas é a Associação Paraibana dos Amigos da Natureza (Apan), uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos (OSCIP), que existe na Paraíba há 42 anos.

De acordo com a presidente da Apan, Paula Frassinete, João Pessoa é privilegiada porque está inserida em uma área de Mata Atlântica e tem várias ruas e praças arborizadas. Mas ela lembra que há alguns anos, a capital paraibana perdeu muitas mangueiras nos espaços públicos por causa de um fungo conhecido como mau-do-Recife. "Há bastante tempo houve um ataque muito grave desse fungo que atingia as raízes das mangueiras. Além disso, houve uma outra praga que se chama estercó de passarinho, disseminada pelos pássaros. Houve muito corte de mangueira, a prefeitura fez um trabalho de visualização das árvores, fez o combate, mas infelizmente não se deu continuidade ao reflorestamento", criticou.

A capital paraibana oferece parques e praças arborizadas para a população, mas, segundo Frassinete, o poder público deveria investir mais no verde. Ela afirma que os projetos de paisagismo têm "abusado do concreto". "Um exemplo é no Parque da Lagoa, onde fizeram podas absurdas em árvores que já eram antiquíssimas. A quantidade de ipês amarelos reduziu muito", desabafou.

A presidente da Apan ressaltou, ainda, que o aquecimento global tem interferido no desenvolvimento das plantas de uma forma geral, impactando, inclusive, na floração das árvores. "Todos, animais e plantas, têm um ciclo biológico, que está desequilibrado por conta desse aquecimento".



Foto: Marcus Antonius

Entidades da área e ambientalistas ressaltam a importância de se planejar o desenvolvimento urbano para evitar a redução das áreas verdes na capital

Independentemente da iniciativa pública ou fenômenos naturais, ela ressalta que a população também deve fazer sua parte, se espelhando em iniciativas que disseminem uma consciência de preservação ambiental. Um exemplo são as praças ecológicas, projetos que partem da população e contam com o apoio do poder público. Essas praças disseminam o verde em alguns bairros da cidade. Uma delas é a Eco Praça, do bairro do Bessa.

Ao avaliar a arborização da cidade, ela declara que João Pessoa ainda tem bastante verde, porém, precisa de mais investimento nessa área. "Nossa cidade já foi chamada de Cidade Jardim e Cidade das Acácias, mas perdeu esses títulos por conta do processo de urbanização. É preciso que saibamos nos desenvolver com qualidade de vida. Isso é o que se chama desenvolvimento sustentável".

A população deve fazer a sua parte, se espelhando em iniciativas como a Eco Praça, no Bessa

Plantio de árvores deve ser orientado

O chefe da Divisão de Arborização e Reflorestamento da Secretaria do Meio Ambiente de João Pessoa (Semam), o engenheiro agrônomo Anderson Fontes, lembrou que João Pessoa está encravada em uma região de Mata Atlântica e por isso é diferenciada de muitas capitais do país. Ao longo das décadas, ela foi se desenvolvendo, tentando manter as características paisagísticas, com a presença de jardins nas residências e em locais públicos. Hoje, com cerca de 1 milhão de habitantes, a capital da Paraíba, segundo Anderson Fontes, possui 47,11 m² de área verde por pessoa.

"Esse dado é muito bom", ressaltou. Com relação às mortes de mangueiras, registrada há alguns anos em ruas tradicionais da cidade, como na avenida Maximiano de Figueiredo, Pedro II e João Machado, ele explicou que todo trabalho de controle do fungo foi feito na época, e que as árvores mortas foram repostas. "Fizemos os estudos e plantamos novas árvores, adequadas para cada local. Mas não estamos indicando para as novas praças e canteiros centrais árvores como, por exemplo, a mangueira", frisou.

Essa adequação das mudas plantadas na cidade ocorre porque, de acordo com o engenheiro agrô-

nomo, as árvores frutíferas, comestíveis pelo homem, são os tipos mais complicados de se controlar fungos no meio urbano. Essas espécies são menos resistentes aos fungos, por isso, adoecem mais facilmente. O barulho, a interferência das pessoas, a fiação dos postes e a poluição urbana ainda deixam as árvores mais debilitadas. "E no meio urbano, não se pode utilizar defensivos químicos para combater as pragas", disse Anderson. O controle é feito através de podas e acompanhamento do desenvolvimento das pragas.

Com relação aos projetos paisagísticos do Parque da Lagoa, ele declarou que não houve redução de árvores, mas adaptação do verde. Quanto aos tradicionais ipês amarelos do Parque, ele salientou que só foram tirados os que estavam doentes. O chefe de Arborização e Reflorestamento da Semam frisou que a legislação ambiental do município é muito clara e rígida quando trata da manutenção da preservação dos recursos naturais, tanto na questão da sensibilização ambiental, como também na fiscalização de ações que desrespeitem o meio ambiente.

Ele lembrou que em 2012 foi criado o Sistema Municipal de Área Protegida (Smap), que trouxe um norte na questão do gerenciamento

de gestão do verde urbano.

Entre as ações que estimulam a arborização da cidade e contam com o apoio do poder público está o Pomar Urbano, projeto realizado conjuntamente com a população. Ele consiste no plantio de árvores frutíferas como abacateiro, pitombinho, graviola em terrenos públicos municipais que estão sem uso. Há experiências do projeto em bairros como o Bessa e o Castelo Branco. "As pessoas devem entender que o plantio urbano deve passar pelo auxílio de um profissional. Por mais que elas gostem de determinada árvore, é preciso saber se ela é apropriada para o local", explicou o engenheiro agrônomo.

Saiba Mais

As pessoas que desejam procurar árvores para plantar no jardim ou quintal, podem procurar o Viveiro Municipal de Plantas Nativas da Semam, no Valentina de Figueiredo. Lá, são produzidas mais de 60 mil mudas anuais de árvores. As mudas também são usadas no plantio urbano e recuperação de área degradada. O Viveiro Municipal fica na Rua Embaixador Sérgio Vieira de Melo, s/nº - Valentina Figueiredo. Funciona de segunda a quinta-feira, das 7h às 12h30.

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com

Ave Maria no meio da instabilidade emocional

Arnaud do Sax é daqueles sujeitos com música em seu código genético. Desde menino já impactava o meio ambiente com o som do violão, flauta, trompete, teclados e sax. Vivendo no país mais musical do planeta, na região mais representativa das matrizes sonoras étnicas, foi construindo a sonoridade em harmonia com os cantos, danças, ritmo e cadência da mistura cultural. Acabou músico da noite e instrumentista de banda filarmônica, seu ganha pão. Toca em boates, bares, shoppings e recepções. É saxofonista da Banda Santa Cecília, de Sapé, uma das mais antigas do Brasil.

A crise da pandemia pegou Arnaud do Sax e rasgou sua agenda. Não tem mais como pagar suas contas. Ele, igual a todos os trabalhadores brasileiros informais, jamais será ressarcido. Paga o preço desse fenômeno sanitário e, de quebra, da incompetência e maucaratismo dos comandos nacionais. Em 2012 a Câmara Federal rejeitou projeto que conce-

dia seguro-desemprego a artistas, músicos e técnicos em espetáculos de diversões.

O músico abandonou seu instrumento diante do desconsolo e aflição da hora. A crise do capitalismo juntou-se ao vírus e à desordem institucional bolsonarista. O grande cérebro coletivo brasileiro deu um nó. Velhos e novos, empresários e operários, artistas e trabalhadores informais não conseguem ver nem a ponta do iceberg, mas já se mortificam com a certeza do desastre iminente.

O que fazer? Em isolamento, as pessoas reagem fincando bandeira em terreno desampado da desesperança ou vislumbrando um mundo prenhe de outro mundo que está para sair dessa instabilidade mundial. Na Itália, as pessoas se postam nas janelas e cantam canções de crença e sonho. Em seu condomínio, toda tardezinha, Arnaud do Sax põe uma caixa de som na janela do apartamento e toca a Ave Maria de Gounod. No primeiro dia recebeu 300 mensagens dos vizinhos

no Instagram. A última audição contou com um público oculto de mais de mil residentes no condomínio, a julgar pelos comunicados elogiosos. "Redescobrimos a fé e a alegria de viver", enunciou um casal de idosos. "Aceita cachê? Informe o número da conta", disponibilizou outro. O próprio músico se diz amparado pela ação artística e humanitária, tocando a vida de alguém de forma inesperada. "Expulsa minha inquietude e consternação do peito", assegura. Alguém disse que uma boa música nos leva a lugares que jamais conseguiríamos ir sozinhos.

"O Brasil não é um país sério", teria dito o presidente francês Charles De Gaulle. É lenda. A sentença foi realmente dita por um embaixador brasileiro na França. Atualmente, os embaixadores das nações do mundo nos olham e ponderam: "o Brasil não é um país sadio". Nossa elite é insalubre. Entretanto, que povo maravilhoso escolheram para povoar este hospício! Pelo menos os nossos artis-

tas conseguem proteger nosso conceito com sons, cenas, movimentos, imagens e cores da cultura brasileira e emocionando com o show perenal da solidariedade e a beleza do humanitarismo.

Valeu, Marcelo Piacó! - Em 2015 fiz entrevista com o humorista Marcelo Piacó, uma das melhores do meu programa "Alô comunidade" na Rádio Tabajara da Paraíba. Conversa prazerosa onde ele falou de humor, poesia, ativismo político e militância social. Voltei a ouvir a gravação da entrevista no Youtube neste domingo (22), quando soube de sua morte. Além de ter sido um dos maiores comediantes da Paraíba, Marcelo Piacó era mestre do soneto. Sempre insistia com ele para publicar seu trabalho de alto valor literário. Marcelo era igual a mim, um protelador. Nos dramas clássicos, o herói habitual acaba tragicamente. Marcelo viveu construindo o riso e morreu com a dignidade de um Carlitos.

JORNALISMO DE VERDADE FAZ A DIFERENÇA EM MOMENTOS SÉRIOS.

RÁDIOS TABAJARA AM/FM E JORNAL A UNIÃO
INFORMAÇÃO E ANÁLISE DOS FATOS COM RESPONSABILIDADE.

ACOMPANHE, ESCUTE, LEIA E COMPARTILHE.


RÁDIO
Tabajara
AM 1.110 FM 105,5

A UNIÃO

 **EMPRESA
PARAIBANA DE
COMUNICAÇÃO**



Patos: comércio, cultura e turismo na “Morada do Sol”



Com economia pujante, município é hoje a principal porta de entrada para o Sertão e importante polo comercial

Teresa Duarte
Teresaduarte2@hotmail.com

Tudo começou com uma pequena lagoa, hoje aterrada, às margens do Rio Espinharas, onde vários patos viviam livres. A lagoa já não existe, mas a cidade ganhou o nome de Patos por conta das aves que ali habitavam. Município distante, a 315 quilômetros da capital João Pessoa, Patos é a “porta de entrada para o Sertão”. Sua região metropolitana é constituída por 24 municípios. A cidade surgiu no século XVIII, com a for-

Patos sediará a segunda eliminatória do III Festival de Música da Paraíba, que este ano vai homenagear o Mestre Sivuca

mação de um povoado em torno da capela de Nossa Senhora da Guia, doada em 1752 pelo fazendeiro Paulo Mendes de Figueiredo. A base primária econômica da “Morada do Sol” é o polo coureiro calçadista, que gera emprego e renda para muitas famílias envolvidas na confecção de artigos desse material, principalmente, sapatos, bolsas e cintos. Atualmente, Patos conta com dois shoppings, que têm atraído grandes lojas revendedoras de diversos fabricantes. A rede hoteleira, composta por 16 meios de hospedagem, entre hotéis e pousadas, tem suas reservas esgotadas no período do São João, que atrai turistas de diversas regiões do país. Neste ano, devido à pandemia do coronavírus, o São João ainda não teve data definida de realização.

Quarta cidade em termos populacionais da Paraíba, o município conta com um comércio pujante, além de ser berço da cultura, congregando muitas universidades. O município, que tem como filhos ilustres Ernani Sátiro, Amaury de Carvalho, Paulo Bonavides, Silvino Pirauá de Lima e José Gomes, será sede da segunda eliminatória do III Festival de Música da Paraíba, que este ano homenageará o músico paraibano Severino Dias de

Oliveira, o “Mestre Sivuca”, em memória dos 90 anos de nascimento do artista.

O evento, que é uma realização do Governo do Estado, por meio da Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), Fundação Espaço Cultural José Lins do Rego (Funesc) e Secretaria de Estado da Comunicação (Secom), também não tem data definida por conta da pandemia do coronavírus. O objetivo do festival é reconhecer e divulgar a música paraibana valorizando os artistas do cenário local. Para o prefeito interino de Patos,

Ivanês Lacerda, a escolha do município para sediar uma das eliminatórias do III Festival de Música demonstra o quanto são importantes as parcerias firmadas en-

tre municípios e o Governo do Estado.

“É um presente para a nossa cidade. O festival servirá para resgatar a autoestima da nossa cultura, da nossa região, aquecendo a economia”. A parceria com o governo do Estado em outras ações também são destacadas pelo prefeito. “O governo do Estado já está providenciando um grande projeto de ampliação no saneamento básico, porque hoje o nosso município só tem 10% de saneamento”, revelou.

O presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Patos, historiador José Mota Victor, destaca que o turismo como forte para economia local, “nós temos aqui como carro chefe no turismo religioso que é o Parque Religioso Cruz da Menina, local sagrado que é ponto de parada para muitos romeiros”. O Parque Religioso Cruz da Menina que fica às margens da BR-230 na saída da cidade com destino ao município de Pombal. O local recebe turistas de diversos lugares do Brasil por ser tratado como um sagrado e abençoado para as promessas.



Religiosidade e festa junina atraem visitantes

A história do Parque Religioso Cruz da Menina começou no dia 13 de outubro de 1923, quando foram encontrados os restos de uma menina chamada Francisca, que foi brutalmente assassinada no local. Uma cruz foi colocada para indicar o caso e, a partir daí, pessoas paravam para rezar pela alma da garota. A tradição popular conta que tempos depois um agricultor chamado José Justino do Nascimento fez orações a Deus por intermédio da menina por causa da seca que assolava a região na época. Logo depois ele cavou uma cacimba que tinha água suficiente para salvar seu rebanho. Por causa disso, ele resolveu construir uma capela em memória da menina, que foi inaugurada no dia 25 de abril de 1929.

De acordo com o historiador José Mota, a bela Catedral Diocesana de Nossa Senhora da Guia, localizada na esquina da Avenida Sólton de Lucena com a Rua Peregrino Filho, no Centro, teve o lançamento de sua pedra fundamental realizado em 2 de junho de 1940. Ela foi a primeira Igreja de Patos, a Capela de Nossa Senhora da Guia, atual Igreja Nossa Senhora da Conceição, que foi construída em 1772,

em terreno doado pelos casais Paulo Mendes de Figueiredo e Maria Teixeira de Melo, João Gomes de Melo e Maria Antunes. Com o crescimento da população de Patos, a Matriz se tornou muito pequena para abrigar os fiéis. Como não era possível demolir a bela igreja, já que ela era uma obra histórica, foi construída uma nova igreja em outro local da cidade.

A nova Igreja passou a ser a Igreja Matriz da Paróquia de Nossa Senhora da Guia, enquanto a antiga foi dedicada à Nossa Senhora da Conceição. É durante o mês de setembro que Patos vive a sua maior festa religiosa, a tradicional Festa da Guia ou Festa de Setembro, que reúne vários cristãos ou devotos de Nossa Senhora da Guia no Centro da cidade, onde existem vários parques. No pavilhão central é realizado um bingo todas as noites, onde há várias barracas de comidas típicas.

Os principais pontos turísticos são o Parque Cruz da Me-

nina, Fundação Ernani Sátiro, Matriz de Nossa Senhora da Guia, Centro Cultural Amaury de Carvalho e o Terreiro do Forró no período das festas juninas.

São poucos os prédios históricos no município, mas há a Praça Edivaldo Mota, antiga Praça do Comércio, local próximo ao lago dos Patos, que mantém ainda a sua bela arborização, e foi o ponto forte na economia do município. Era nessa praça que os comerciantes se concentravam e vendiam os seus produtos, por isso, ela, por muito tempo, foi chamada de Praça do Comércio. Em 1870, o município foi sede da maior cantoria no Brasil, realizada pelo cordelista Inácio da Catingueira e um dos maiores tocadores de viola do Brasil, Romano do Texeira, na Rua da Feira da Fruta.

Patos já foi sede de um dos maiores hotéis do Nordeste, construído na década de 60, e inaugurado no dia 2 de setembro de 1962 pelo então presidente da República, Juscelino Kubitschek de Oliveira, também conhecido pelas suas iniciais JK, que leva até hoje o nome do Hotel JK. O hotel ainda funciona e mantém as suas características na estrutura, a exemplo da bela escadaria.



O Parque Religioso Cruz da Menina e as igrejas Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora da Guia são importantes pontos de visitação da cidade de Patos, que ainda tem o Hotel JK, shoppings e tradicionais feiras livres



Capitão Rebelinho e a luta contra os holandeses no NE

Líder da Insurreição Pernambucana atuou em ações na Paraíba, onde chegou a matar o governador instituído pela Holanda

Hilton Gouvêa
hiltongouvea@bol.com.br

No entardecer de 17 de novembro de 1635, o intrépido Capitão Francisco Rebelinho, destacado líder da Insurreição Pernambucana – o movimento armado que lutava contra os holandeses visando sua expulsão do Brasil –, passava nas proximidades do engenho Espírito Santo, a 17 Km da Capital paraibana (atual João Pessoa), quando soube que o Estado-Maior da Guarnição Holandesa de Frederica estava assistindo a uma farinhada. O proprietário Menson Fransen, um judeu-holandês, farejava o perigo no ar. Mas o guerrilheiro nativo, esperto, mesmo em inferioridade numérica investiu contra os soldados da Companhia das Índias Ocidentais e matou mais de 70 homens, aí incluindo Ippo Eyssen, segundo governador do período holandês na Paraíba.

O professor Francisco de Paula Melo Aguiar, em "Santa Rita, Sua História, Sua Gente" (segunda edição, 2016), conta esse episódio da história paraibana transcorrido em Santa Rita e outros de igual interesse para estudantes, leitores comuns e pesquisadores. Eyssen era arbitrário, mal-humorado, preconceituoso e desonesto. Na sua gestão se apoderou dos melhores engenhos da Várzea e não hesitava em massacrar colonos humildes, de origem espanhola ou portuguesa, para se apoderar de seus bens. Neste dia, enquanto se deleitava em descobrir as novidades das terras conquistadas no Nordeste do Brasil, pela Companhia das Índias Ocidentais, foi surpreendido por Rebelinho, que passava em solo paraibano a caminho de Porto Calvo (AL).

Rebelinho, que era perito em "surtidas" (emboscadas no mato), resolveu enfrentar parte do bem armado exército holandês, num momento de cansaço. Seu troço não dispunha de outras armas, a não ser velhas espingardas e alguns trabucos e espadas. Na chegada a Porto Calvo, esperava reforçar sua tropa de índios, brancos e negros, com homens mais descansados e armas melhores, prometidas a ele pelo Conde Giovanni de San Felice Bagnouli, um militar italiano a serviço da Coroa Luso-Espanhola, que já havia infligido séria derrota a uma esquadra holandesa na Bahia. Rebelinho, por sua vez, obteve uma vitória estrondosa em terra contra os holandeses. E queria ir em frente, para banir do solo brasileiro esses militares cruéis e arrogantes. Nesta refrega com Rebelinho, o que restou dos holandeses foi esmagado pelos homens de Henrique Dias e Sebastião de Souto.

Eyssen era arbitrário, mal-humorado, preconceituoso e desonesto. Na sua gestão, se apoderou dos melhores engenhos da Várzea

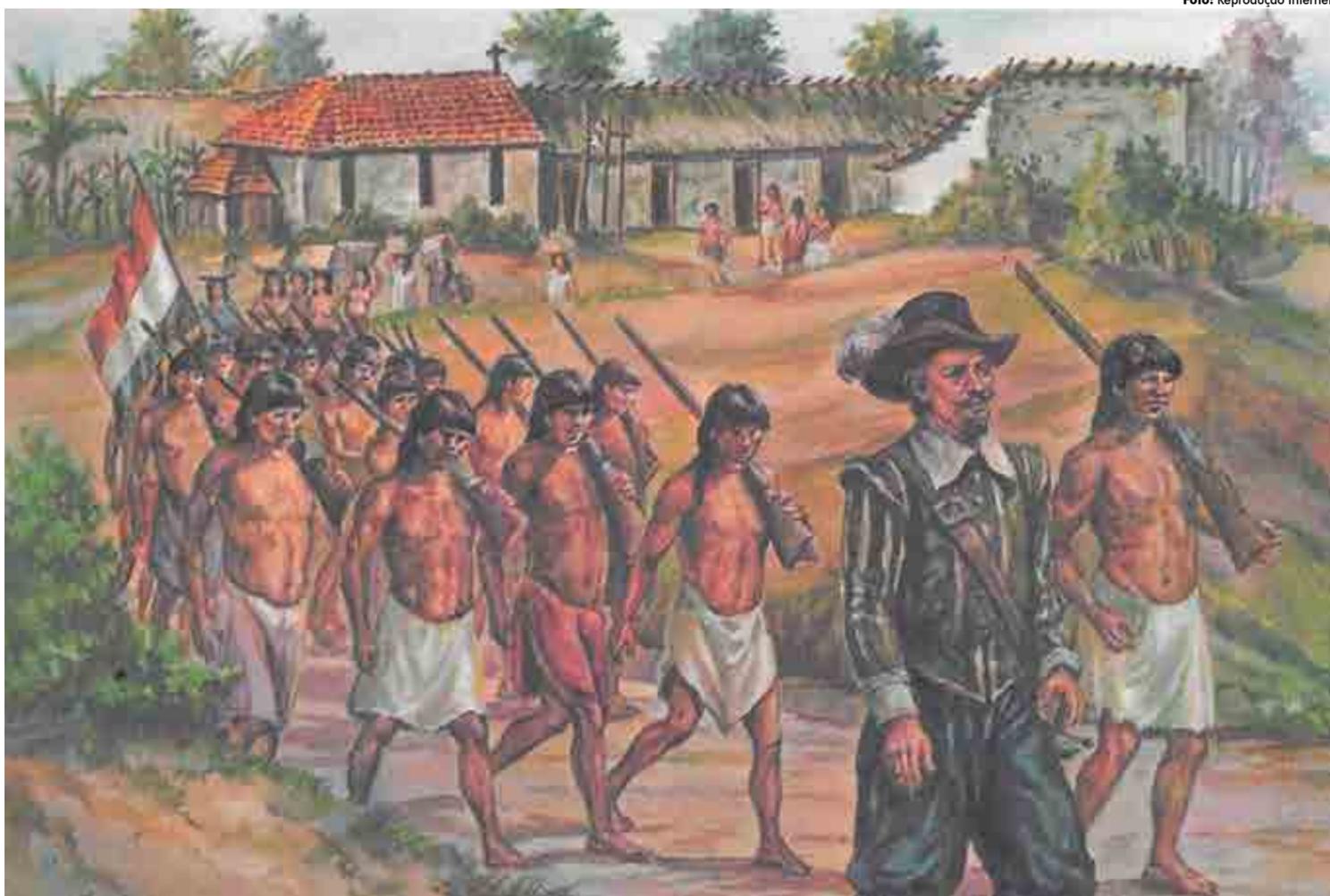


Foto: Reprodução Internet

Na chegada a Porto Calvo, esperava reforçar sua tropa de índios, brancos e negros com homens mais descansados e armas melhores, prometidas a ele pelo Conde Giovanni

+ Santa Inquisição em terras paraibanas?

No trabalho do professor Aguiar, também encontramos um fato curioso, praticado por agentes da Santa Inquisição, em solo paraibano. Foi a prisão, morte por esganadura e a queima na fogueira da cristã nova Guiomar Nunes, casada com o vendedor de latas Luis Nunes Fonseca. Mãe de oito filhos, Guiomar acabou presa em 1729, acusada de praticar atos que contrariavam a Igreja Católica Apostólica Romana. Denunciada, em Lisboa, pelo Tribunal do Santo Ofício, foi garroteada e depois queimada num auto de fé, em 17 de junho de 1731. Tinha 47 anos. A história de Guiomar consta nos anais da Santa Inquisição, onde está registrado que ela frequentava o Engenho Tibiry, conforme a lista de Anita Novinsky, a historiadora especialista em atos da Inquisição, autora de diversos livros sobre o assunto.

Aguiar, que foi vereador em Santa Rita e tem um conjunto residencial com o seu nome na zona rural do município, contempla os admiradores de lendas com registros interessantes em "Santa Rita, Sua História, Sua Gente". Ele fala dos irmãos Tiba e Tibira, que se engalinharam numa briga de faca num lugar perto da Igreja de São Sebastião e mutuamente se mataram. Por causa disso, a terra em que o sangue fra-

trícida jorrou não produz nada, nem grama cresce. O escritor adverte que os nomes dos irmãos malditos, nada tem a ver com Tibiry, embora, em tupi, este etmo signifique "rio da sepultura".

Em cada página de "Santa Rita, Sua História, Sua Gente" existe uma surpresa. Como a lenda do bezerro de ouro enterrado num poço de areia movediça nos fundos da Igreja de São Sebastião, que tenta os incautos a resgatá-lo.

Os que já tentaram, segundo o enredo lendário, foram tragados pelo poço e morreram sufocados. Fala-se, também, que o badalo do sino desta igreja, por ser de ouro maciço, acabou roubado. Em outra versão, consta que era de ferro e foi corroído pela erosão. No entanto, corre uma lenda de conotação "assombrosa", em Santa Rita, que é a do moleque-fantasma, que assombra os transeuntes do centro. O moleque estimulava o pai a bater na mãe. Por isso seu espírito vive penando, nas noites sem lua. Então, quem passa perto do Mercado Público, nessas noites escuras, se assombra com um fantasma gritando "haja pau, haja pau!".

Vocês querem saber mais? Em 11 de maio de 1887, a Paróquia de Santa Rita registrou um casamento inédito,

se bem que, na época, o preconceito era forte contra índios, negros e escravos. O escravo Luís casou com a não escrava Antonia das Neves, numa cerimônia que guardava o estilo dos brancos e livres. Isto aconteceu um ano antes da abolição da escravatura. Não poderia ser diferente. Santa Rita é a terra onde atuou Manoel Cardoso Vieira, que tem nome de rua em João Pessoa e Campina Grande. Mulato, ele se formou em Direito no ano de 1863. E abraçou a causa abolicionista, ao lado de Joaquim Nabuco.

Ensinou matemática e geometria no Lyceu. E editou o jornal panfletário Bossuet da Jacoca. Este era o nome antigo do atual município do Conde, onde nasceu. Abraçando as ideias liberais da época, ele se tornou precursor do abolicionismo nas terras de Parahyba.

O preconceito era grande contra ele, mas Cardoso superava tudo com sua excelente cultura, determinação e sentimento humanitário. Uma "febre perniciososa" (talvez tifo ou faringite) provocou sua morte em 1880. O abolicionista gostava de usar o termo Jacoca em tudo o que fazia, por duas razões: era o nome de sua terra natal e a tradução romântica em tupi, que significa "abraça-me".

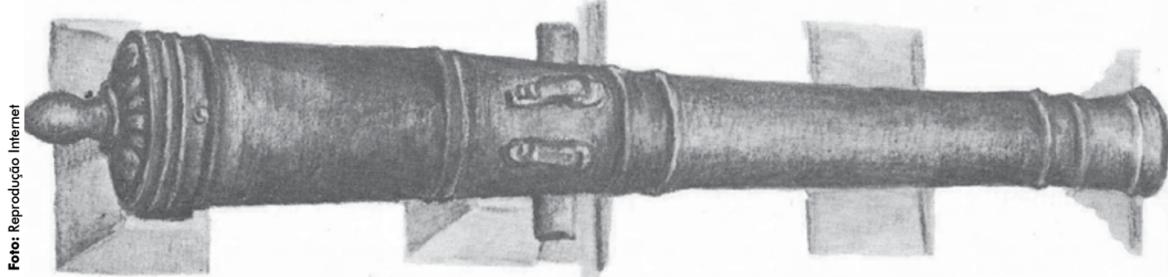


Foto: Reprodução Internet

Entre as armas mais poderosas usadas à época nesses conflitos estavam os canhões

Eugênio Toscano: o médico que se tornou paladino da república na PB

Hilton Gouvêa
hiltongouvearoujo@gmail.com

O médico e jornalista paraibano Eugênio Toscano de Brito nasceu na Parahyba do Norte, em 10 de outubro de 1850 e morreu nesta mesma cidade, em 31 de janeiro de 1903. Felizardo Toscano de Brito, seu pai, foi um dos grandes líderes do Partido Liberal na Paraíba. A trajetória profissional de Eugênio, que se tornou membro da primeira junta governativa do Estado, após o advento da República, é brilhante e polivalente.

Em 1879 formou-se em Medicina, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Sua tese versou sobre uma doença da época, o Beribéri, provocada pela carência de vitamina B. Colaborou com a Revista Acadêmica de Ciências, Letras e Artes, A Idéia, ao lado de Teixeira de Souza e Miguel Lemos. Ao chegar do Rio, já formado, exerceu os cargos de Inspetor de Saúde Pública, Inspetor do Porto, Vacinador Provincial, médico da Santa Casa de Misericórdia e Cirurgião-Mor da Província. Em 1883 tornou-se diretor de Instrução Pública. Em 1884 foi diretor da Escola Normal.

1885 – Lecionou geometria e trigonometria no Liceu Paraibano e Pedagogia na Escola Normal. Foi professor de Ciências Físicas e Naturais, Aritmética, Álgebra, Biologia e História Natural na Escola Normal e no Liceu. Durante o Império inicia-se na vida política sendo eleito deputado provincial pelo Partido Liberal, na legislatura de 1880 a 1881.

1888 – Em pleno clima abolicionista, funda o jornal Gazeta da Paraíba, ao lado de Geminiano Franca, Rodolfo Galvão, Cordeiro Junior e Artur Aquiles. Esta equipe criticava intensamente o Partido Conservador.

Depois que o marechal Deodoro da Fonseca, apoiado por militares e civis depôs o gabinete imperial de ministros chefiado pelo Visconde de

Ouro Preto e instalou a República (15 de novembro de 1889), Eugênio atuou na instalação do novo regime na Paraíba apoiando o governo de Venâncio Neiva (1889-1891).

1893 – No dia 3 de novembro, depois que uma crise política levou Deodoro da Fonseca a dissolver o Congresso Nacional e, em seguida, temendo uma guerra civil renunciou ao cargo de presidente e foi substituído por Floriano Peixoto, Neiva deixou o governo paraibano em 27 de dezembro de 1891.

Lecionou geometria e trigonometria no Liceu Paraibano e Pedagogia na Escola Normal. Em 1883, tornou-se instrutor da instituição

lugar de Neiva assumiu uma Junta governativa integrada por Eugênio Toscano de Brito, o coronel Cláudio do Amaral Savaget e Joaquim Fernandes de Carvalho, que governou a Paraíba até 18 de fevereiro de 1892.

Eugênio, ao deixar a Junta, fundou o jornal O Paraibano, que fez forte oposição ao governo de Álvaro Machado (1892-96). Eugênio, casado com Josefina Roy Toscano, também foi membro da Academia Paraibana de Letras, além de correspondente da Sociedade de Medicina Cirúrgica do Rio de Janeiro.

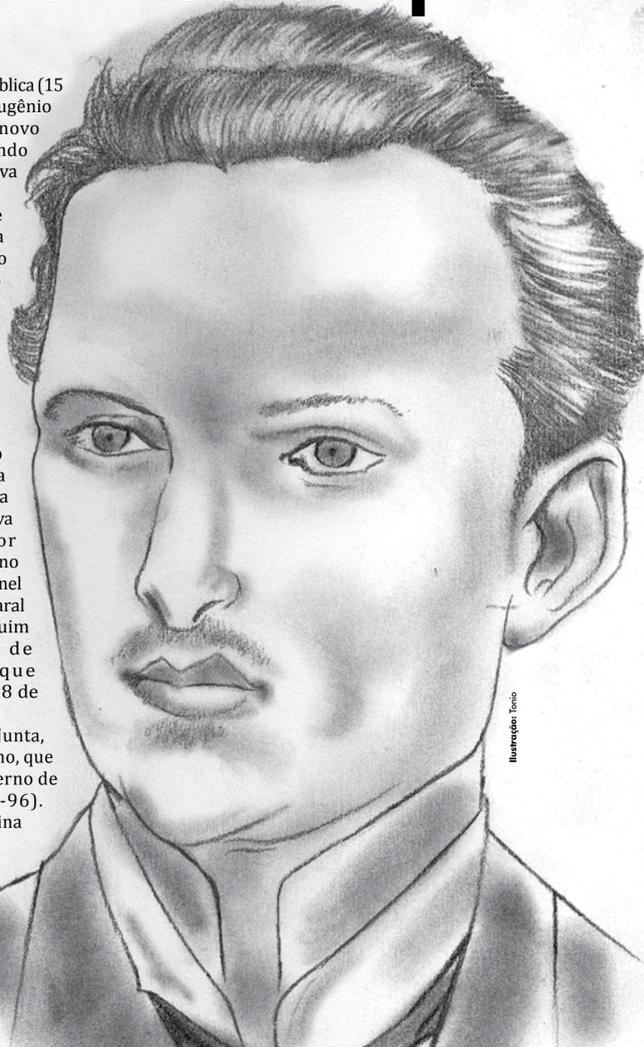


Ilustração: Tono

Proclamação foi recebida sem o entusiasmo merecido

A notícia da proclamação da República chegou à Cidade de Parayba do Norte – atual João Pessoa – como uma pilhéria. É o que diz o jornalista Gonzaga Rodrigues, em seu artigo Uma Viagem no Tempo. Segundo ele, esta expressão originalmente partiu do jornalista Eugênio Toscano, que em 1889 era diretor de A Gazeta da Paraíba. Toscano revelou que a notícia foi-lhe dada pelo Dr. Lima Filho. Anos depois, Augusto dos Anjos mencionou este fato em carta à sua mãe, Sinhá Mocinha.

Eram mais ou menos 17 horas de 15 de novembro de 1889. Toscano e o inseparável companheiro Cordeiro Junior, batiam um descontraído papo na redação de A Gazeta, quando entra Lima Filho, sem deixar transparecer nenhuma emoção na voz ou no rosto e perguntou aos dois se eles já sabiam da novidade que havia. Diante da negativa de Toscano e Cordeiro, Lima Filho respondeu:

– O Exército e a Armada acabam de proclamar a República no Rio de Janeiro!

Tanto Eugênio quanto Cordeiro não acreditaram na história. Eugênio até saiu da redação, a fim de se aprofundar nas informações. O ambiente estava calmo, embora a notícia se confirmasse sem despertar entusiasmo ou interesse. Aos conhecidos que Toscano comunicava o fato, vinha a resposta:

– Homem, dizem isto! (algo como o atual estão dizendo, né?)

No dia seguinte, o clima era outro. Iniciou-se uma corrida em busca das posições. Até aí monarquistas tinham sido todos, divididos entre liberais e conservadores, agremiações políticas da idade do Império, acostumadas em se revezarem no poder, sempre mantendo os interesses dos senhores agrários e da elite burocrática. Com o monopólio da política nas mãos, não raro esses grupos determinavam o número de eleitores aptos a votar e dirigiam, também, as eleições. Republicanos, mesmo, não chegavam a completar o número dos dedos de uma mão.

Existiam, dispersos, Albino Meira, professor da Faculdade de Direito do Recife, que aí atuava, por ser candidato do Partido da República. Tinha Também Maciel Pinheiro, cujo idealismo era louvado por Castro Alves, além de Coelho Lisboa e Aristides Lobo, um filho

de Santa Rita (PB), militante da imprensa e jurista no Rio de Janeiro.

Aristides Lobo foi protagonista da Fundação da República e se tornou o primeiro Ministro da Justiça do novo regime. O Historiador Horácio de Almeida faz o seguinte relato: “A Paraíba viu chegar o dia 16 sem alteração. A 17 chegou a notícia bomba: a família imperial embarcara para o exílio. Os que não queriam antes se comprometer com a novidade política, agora formavam posição pela implantação da República”.

Nesse ínterim, o paraibano Manuel Tavares Cavalcanti, construiu uma frase meritória: “A Paraíba aderiu à República toda de uma vez”. Gonzaga Rodrigues adianta: “Eugênio Toscano, por iniciativa própria, convidou os homens de evidência para uma reunião na Gazeta. Antes, este jornal, dirigido por ele, cedia apenas uma coluna para a propaganda republicana. Os convidados pelo jornalista saíram da Gazeta para a Câmara Municipal. Objetivo: organizar um novo governo.

Depois, aclamam uma junta encabeçada pelo coronel Honorato Caldas, comandante do Batalhão do Exército, Artur José Reis, representando a Marinha, além dos civis Silvino Elvidio Carneiro da Cunha – o Barão do Abiaí-, Lima Filho e Eugênio Toscano.



Foto: Reprodução Internet

Duelou com Álvaro Machado

Eugênio Toscano vivia às turras com Álvaro Machado, que criou o jornal A União. Jornalista e dono de A Gazeta, ele viu no diário estadual um concorrente que iria interferir em seus planos de expansão política e industrial, se bem que ele também era médico, professor de trigonometria, escritor e, antes, monarquista ferrenho, pois só dedicava uma coluna de seu jornal aos brados republicanos. Há quem diga que mantinha estreito relacionamento com a nobreza, antes do golpe de Deodoro.

Com o advento da República, em 15 de novembro de 1889, foi o primeiro a sair às ruas, a fim de angariar adeptos para formação de uma junta provisória de governo. E foi seu integrante, com o mesmo denodo com que agia nos tempos da monarquia. Era cauteloso, inteligente, polivalente no que se refere ao empenho profissional e ótimo administrador.

Eugênio Toscano de Brito, ao que parece, tinha a sina de topar de frente com militares poderosos. Carrancou-se com Álvaro Machado, militar e primeiro governador republicano da Paraíba, e, uma vez aclamado o novo regime em substituição à monarquia, teve uma queda de braço com o coronel Honorato Caldas, Comandante do Exército na Capital. Caldas aceitava formar a nova junta governativa do Estado, somente com militares, vez que o movimento republicano partira de Deodoro da Fonseca,

um marechal, homem de caserna. Toscano fincou pé e manteve a junta com apenas dois militares: Caldas e Artur José Reis representando a Marinha e três civis: ele próprio, Silvino Elvidio Carneiro da Cunha, o influente Barão do Abiaí, e Lima Filho, amigo de Toscano e do barão. Não se sabe como, ele ganhou esta parada, mesmo sendo seu desafiante um mandatário do Exército, logicamente com as costas quentes.

Era um jovem formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, cuja tese de formando textualizou sobre a beriberi, uma doença causada pela carência de vitamina B1, que atingia seus portadores com tremedeiras incontroláveis nas mãos. Nesta época, sofriam dessa doença, na Paraíba, desde o nababo senhor de engenho, ao cortador de cana. Havia as exceções, é claro, que foram muitas. Mas, a beriberi era bem democrática: entrava em qualquer família, com ou sem pataca e dava o seu sinistro recado. Por isso, ao voltar a Paraíba, um de seus primeiros empregos públicos foi o de Inspetor de Saúde, depois Inspetor do Porto. Estudioso, ele se tornou médico especializado nesta doença, uma polineurite provocada pela carência da Tiamina (vitamina B1) que, entre outras coisas, também provoca a paralisia dos órgãos inferiores, a formação de edemas e problemas cardíacos.

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

Covid-19 e TV Globo: o microfone foi parar nas mãos do entrevistado

Vinte e três de março de 2020. O Jornal Nacional começa sua tradicional escalada, anunciando as principais notícias referentes à pandemia de Covid-19. A apresentação dos destaques dura 60 segundos. Logo em seguida, William Bonner começa a ler uma mensagem direcionada ao telespectador. É um apelo na linha “Calma, vai passar. Juntos vamos derrotar esse vírus”.

“Antes de começar a apresentar as notícias de hoje” — pontua o apresentador — “a gente vai fazer uma pausa, porque é muita informação, todo dia, o tempo todo sobre o coronavírus, sobre o desafio que o coronavírus impõe ao mundo todo”.

Ao longo de quatro minutos e 35 segundos, Bonner e sua parceira de bancada, a apresentadora Renata Vasconcellos, pedem calma ao telespectador, orientam sobre cuidados necessários à prevenção do vírus e apelam para que a população fique em casa. Também enfatizam a impor-

tância de quem precisa trabalhar nesse momento, como profissionais da área de saúde, segurança, limpeza urbana, manutenção da rede de telefonia e elétrica, jornalistas etc., e ainda informam sobre algumas mudanças adotadas pela Globo e suas afiliadas, num discurso autorreferencial.

Os apresentadores lembram que, quem está produzindo o jornalismo que se vê por aí, também precisa se precaver. “É claro que a gente também tem medo de adoecer. Aqui não tem super-herói. Nem entre nós, jornalistas, nem entre os colegas das outras categorias que trabalham com a gente”, destaca o JN. A partir daí são elencadas algumas mudanças na rotina, como trabalho remoto para profissionais com mais de 60 anos de idade (inclusive apresentadores renomados) ou quem apresente sintomas de gripe ou de resfriado.

A narrativa que abre o JN logo após a escalada também cita outros cuidados que a Globo tem tomado,



mo) pode deixar o entrevistado pegar o microfone. Antes impensável, pois ter a posse do equipamento significa manter controle sobre a entrevista e a narrativa, a prática agora é medida de segurança, para evitar contaminação. Um detalhe: os microfones não têm a canopla que identifica a emissora.

A partir do dia 16 de março, a Globo também ampliou o tempo diário dedicado ao jornalismo. A grade de programação foi alterada, e os programas jornalísticos locais e nacionais ganharam mais espaço para informar sobre a pandemia. A Globo ainda retirou da grade tradicional os programas de entretenimento “Mais Você”, “Encontro” e “Se Joga”. Tal medida foi adotada para abrir espaço a um novo produto, das 10h às 12h, chamado “Combate ao Coronavírus”.

A Covid-19 assusta, mas também possibilita a reinvenção de algumas práticas no telejornalismo. A imagem não precisa ser perfeita. O apresentador pode aparecer na telinha, mesmo de casa. O entrevistado recebe o microfone em suas mãos, para interagir de longe com o repórter. O personagem se dispõe a colaborar e envia a própria sonora pela internet. Muitos formatos cabem em meio a uma crise. Quando tudo passar, veremos que esforço, respeito ao público e criatividade são elementos essenciais para se produzir informação de qualidade. Mesmo em tempos de pandemia.

como uma maior distância entre entrevistado, e a limpeza de microfones e outros equipamentos. “A gente tem cumprido uma série de regras, protocolos, justamente, para se proteger”, informam os apresentadores. “Tais protocolos começaram a ser adotados pela rede de televisão em 12 de março; um dia após a Organização Mundial de Saúde (OMS) confirmar a pandemia de coronavírus. Assim, repórteres da Globo e de suas afiliadas também passaram a andar com um produto em spray para esterilizar os equipamentos.

Outra grande novidade: o microfone foi parar na mão do entrevistado! Sim, a Covid-19 conseguiu derrubar a regra de que o repórter NUNCA (em caixa alta mes-

Dom Cardoso



escritoriocardoso@gmail.com

Augusto Calheiros, a Patativa do Norte

O visitante que cruzasse o Largo da Carioca, no rumo da rua Senador Dantas (RJ), veria, à esquerda, a Galeria Cruzeiro, como hoje ainda ocorre; à direita, observaria um prédio acachapado, onde funcionava a Imprensa Nacional. Depois, recuada do alinhamento, surgia uma construção feia e de aspecto pobre, assobradada, em estilo arquitetônico arcaico, que exibia grandes portões e altas grades de ferro, sendo que a parte de cima, dotada de largas varandas, em dia de gala era povoada por destacadas figuras da sociedade: das letras, da política e da ciência. Todas sorriam o ar fresco do local, por ser ali o famoso Teatro Lírico, elogiado pela seleta clientela por causa de suas confortáveis poltronas e, ainda mais, pela extraordinária acústica, jamais superada por qualquer casa de espetáculo do Brasil.

Foi ali, que o Rio de Janeiro viu e ouviu pela primeira vez, um caboclo de boa estatura, desempenado, simpático, com a sua voz timbrada afinadíssima e de rara extensão, alcançar o mais grave ou agudo som, mantendo o volume comparável ao dos maiores cantores do mundo. Estava diante do seu pino público o magnífico alagoano Augusto Calheiros. Ele se fazia acompanhar de quatro executantes, que ficariam tão famosos quanto o próprio, no mundo da radiofonia brasileira: João Miranda, Bandolim, Ronaldo Miranda, João Frazão e o cego Manoel de Lima, os gênios de uma orquestra de violões. Tinham se

reunido poucos meses atrás, no Recife. Na Veneza Brasileira, o compositor Mário Melo lhes batizara com o sugestivo nome de “Turunas da Mauricéia”, uma alusão ao biótipo do nordestino ágil, destemido e firme, que enfrenta o desconhecido.

Dos cinco músicos que formavam “As Turunas da Mauricéia”, somente um – o cego Manoel de Lima -, conhecia o Rio. Lima estivera lá anteriormente, tocando gaita de boca e violão, para o público do antigo Café Mourisco, que existiu na esquina da Rua Branco com a Rua do Rosário. Lima deitava o violão nas pernas e o dedilhava como se estivesse a tocar as teclas de um piano. Tirava sons que deixavam a platéia em êxtase. A gaitinha que soprava, era acoplada a uma mini-estante. Tudo isto aconteceu na vida de Calheiros e seus turunas, depois de desembarcarem no Rio, em 5 de janeiro de 1927. Por: como não conheciam ninguém, aceitaram a modesta hospedagem que lhes ofereceu um taifeiro, que conheceu o bordo de um navio. Este homem abriu as portas de sua modesta casa, para os músicos forasteiros.

Dias depois desta chegada nada triunfal à Cidade Maravilhosa, e já em contato com figuras de prestígio no antro musical do Rio, o famoso Boabdil de Miranda Varejão, o Mirandela, levou-os ao “Correio da Manhã”, com a missão de fazerem uma exibição particular, diante de Raul Brandão e outros redatores. O



prestígio deste matutino carioca, que exibiu uma bela reportagem falando deste grupo, resultou numa apresentação no teatro Lírico, cedido gratuitamente pelo empresário Vigiaini, para o show inaugural dos “Turunas da Mauricéia”, ao público carioca.

O grupo vestia trajes roceiros, com chapéus de palha e grandes abas. Seus apelidos artísticos estavam pintados: “Patativa do Norte”, “Riachão”, “Guajurema”, “Periquito” e “Bronzeado”. Os cariocas também foram atingidos, de impacto, por um novo repertório, inédito naquelas plagas: eram sambas, emboladas e côcos, tais como “Pinião”, “Tás com meda”, “fala”, “Pequeno Tururu”, “Samba do Caná”, “Indurinha do Coqueiro”, “Meu Xexê”, “Nêgo Preto”, “Bela Dama”, “Lomoeiro”, “Pandeiro Furado”, “Elena”, “Pau lá na Mata”, e outras composições. Houve, também, canções e valsas, que se intitulavam “Único Amor”, “Na Praia”, “Amor Secreto” e “Belezas do Sertão”.

O sucesso obtido através do grupo inspirou o Correio da Manhã a encabeçar o patriótico movimento artístico, que no mesmo ano

foi levado a efeito no Teatro Lírico, a partir de 19 de fevereiro, intitulado “Concurso d’o que é nosso”. Datam daí as primeiras gravações de Augusto Calheiros. “Os turunas”, em popularidade alta com suas cantigas, já em 1928 faturaram bem no carnaval, com a embolada “Pinião”, o maior sucesso da folia. Desfeito o grupo, Calheiros iniciou carreira em faixa própria. Se apresentando em teatros, cinemas, rádios e gravando discos.

O cantor alagoano obteve outros sucessos de alcance, lançando as canções “Ada”, “Revendo o Passado”, “Coração das Plantas”, “Mané Foguetreiro”, “Ave Maria” e música do gênero. Manteve-se Calheiros, por muitos anos, como atração mestra do teatrinho regionalista Casa do Caboclo, uma iniciativa do falecido produtor artístico “Duque”, que improvisava suas apresentações sobre os escombros do Teatro São José (SP), destruído por um incêndio em 1898.

Nascido em Maceió (AL) em 5 de agosto de 1891, Calheiros era considerado uma “cigarra legítima”, de alma e coração, sendo, na época artista único de seu gênero musical. Viveu exclusivamente para a música brasileira, sempre abordando temas nativistas, que falassem de índios, caboclos, tragédias românticas envolvendo caciques, princesas indígenas e similares. Entusiasmava-se com o sucesso dos companheiros de ofício, além de ser amigo leal e prestimoso.

Adoeceu gravemente em 1955 e morreu em 11 de janeiro de 1956. Nesse ínterim teve a satisfação de confirmar que os amigos não lhe faltaram na hora mais precisa. Há alguns anos, a Odeon realizou uma série de gravações de seus discos, escolhendo os exemplares mais expressivos de seu grande repertório, realmente uma grande coletânea de saudades.

MARMITANDO

COM O CHEF **WALTER ULYSSES**



Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante em (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scoledicucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@waltinhoulysses
chefwalterulysses@hotmail.es

Foto: Tim Mossholder



O vírus que está destruindo o comércio gastronômico

Não se fala em outra coisa no mundo da gastronomia neste momento, é a pandemia que afeta o comércio gastronômico.

São muitos comércios fechados que estão trabalhando só com entregas e aplicativos de comidas. Ou seja, da equipe de batalha de um restaurante só fica uma pequena parte de quem trabalha na cozinha, o restante teve que ir para casa. É um mal necessário por questão de saúde pública!

Todos estão esperando uma ajuda do Governo Federal, ou um decreto que ajude o empregado e o empregador, e até o fechamento desta coluna não teve nem uma iniciativa.

É triste, mas é uma realidade. Todos vão pagar um preço muito alto, tanto empregado quanto empregador. Pois

esse período de fechamento vai gerar uma verdadeira quebradeira de negócios. Será uma bola de neve.

Não se paga folha de funcionário, suspende pagamentos de fornecedores, impostos vão ser atrasados, financiamentos não serão pagos... isso está gerando um colapso desenfreado no que se fazer.

Não estou aqui dizendo que o correto seria deixar funcionar as coisas. Isso seria uma irresponsabilidade de destruição ainda mais na população com esse vírus solto nos locais de grande fluxo. Apenas todos esperam uma decisão humana, coerente e segura do Governo Federal.

Volto até uma semana, na coluna de domingo passado que falei sobre novas mudanças para poder pagar as contas, no caso as entregas. Se tudo continuar a crescer creio eu, que até os serviços de entregas vão ter que parar.

O reflexo já está chegando em algumas pessoas que estão com receio e medo do recebimento dos alimentos. Isso já é uma outra medida que os órgãos de fiscalização sanitária terão que administrar.

Ainda sou a favor do produto nosso de cada dia, aquela pequena empresa ou micro empreendedor que busca seu espaço na sobra, e com esse vírus vem uma carga tentando fechar suas portas.

Mas ainda teclou na mesma letra, que este é um momento de refletir os preços trabalhados e alcança seu cliente que antes não era seu foco. É o método formiguinha de venda com preço promocional e que você consiga fechar o caixa no final do mês.

Não espere ser engolido por este vírus, para poder refletir no seu negócio depois, esse depois pode gerar uma carga muito alta que você não poderá pagar.

Foto: Arquivo pessoal



PITADAS A GOSTO

Farofa (do quimbundo "falofa") é a farinha de mandioca ou farinha de milho escaldadas ou torradas, geralmente passadas na gordura ou na manteiga, nas quais podem ser acrescentados inúmeros outros ingredientes, tais como: bacon torrado, linguiça frita, ovo, carne, tofu, ou outros alimentos de origem vegetal. É um prato bastante popular no Brasil principalmente na região Norte e Nordeste, tendo sua origem registrada no período colonial. Serve de acompanhamento aos assados de carne, ave ou peixe. Por ter e ser um alimento de baixo custo e fácil de preparar, é muito comum entre os trabalhadores. Farofa pode ser encontrada em pacotes industrializados, mas também é muito preparada em casa, seguindo receitas familiares que variam com a região do país.

PRATO DO DIA

Picanha Paraibana

Ingredientes

- 200g de picanha
- 100g de arroz
- 100g de feijão verde
- 40g de vinagrete
- 2 colheres de nata
- 80g de farofa

Modo de preparo

Refogue a banana com manteiga e cebola e acrescente a farinha aos poucos e reserve a farofa. Cozinhar o feijão verde com água, sal e coentro, acrescente o vinagrete e a nata e reserve, cozinhar o arroz com água e sal. Tempere a picanha com sal grosso e leve para uma frigideira com manteiga de garrafa e deixe assar no ponto que você queira e monte o prato como está a foto.